



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
LUAN VITOR MIRANDA DA COSTA

**O USO DAS AUTOIMAGENS PARA SE TORNAR A MECA DOS ESPORTES: O  
QATAR E A COPA DO MUNDO FIFA 2022**

BRASÍLIA – DF

2013

LUAN VITOR MIRANDA DA COSTA

**O USO DAS AUTOIMAGENS PARA SE TORNAR A MECA DOS ESPORTES: O  
QATAR E A COPA DO MUNDO FIFA 2022**

Monografia de conclusão do curso de  
Relações Internacionais apresentada à  
Universidade de Brasília – UnB, orientada  
pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Vânia Carvalho Pinto.

Brasília – DF

2013

Nome: COSTA, Luan Vitor Miranda da

Título: O uso das autoimagens para se tornar a Meca dos Esportes: o Qatar e a Copa do Mundo FIFA 2022.

Monografia de conclusão do curso de Relações Internacionais apresentada ao Instituto de Relações Internacionais da Universidade de Brasília – UnB, orientada pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Vânia Carvalho Pinto.

Aprovada em: 27/08/2013

Banca Examinadora

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Vânia Carvalho Pinto  
(Orientadora)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Danielly Silva Ramos Becard

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Shadia Husseni de Araújo

## AGRADECIMENTOS

*Agradeço a Deus pelo dom da vida, pela oportunidade ímpar que me concedeu, pela força para superar os desafios que foi renovada dia após dia e pela misericórdia e amor incondicional; à Virgem Maria pela intercessão materna junto ao Pai; à minha família por todas as oportunidades que me foram dadas desde pequeno, pela paciência nos momentos de dúvida e medo, por sempre acreditar em mim e por nunca medir esforços para realizar os meus sonhos; à Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Vânia Carvalho Pinto pelos conselhos dados e pela amizade e paciência que demonstrou desde o início da minha graduação; aos meus amigos Ana Letícia Viana, Ana Luísa Alves, Carlos Eduardo Basílio, Suyane Sousa, Taras Rohovets e Thaís Oliveira pela amizade e companheirismo e por terem feito os meus dias mais alegres durante estes quatro anos de graduação; aos membros do NEOr (Núcleo de Estudos do Oriente) pelos comentários que enriqueceram essa pesquisa; e aos demais amigos que me apoiaram incondicionalmente e pela amizade que foi renovada mesmo nos momentos adversos.*

"In the end, it's extra effort that separates a winner from second place. But winning takes a lot more than that, too. It starts with complete command of the fundamentals. Then it takes desire, determination, discipline, and self-sacrifice. And finally, it takes a great deal of love, fairness and respect for your fellow man. Put all these together, and even if you don't win, how can you lose?"

Jesse Owen

## RESUMO

O mundo esportivo foi surpreendido, em 2010, com a escolha do Qatar como sede da Copa do Mundo FIFA 2022 já que o país disputava a votação com países tradicionais tais como Estados Unidos, Japão, Coréia do Sul e Austrália. Tendo em vista essa surpresa, este estudo pretende analisar como se deu o processo de candidatura qatari, que levou o país a ser selecionado como sede do evento. Para tal, serão discutidas as autoimagens internacionais projetadas pelo país, que foram de extrema importância para a construção da candidatura. Percebeu-se um forte engajamento governamental em busca de tal objetivo, tendo em vista os vários programas governamentais que compõem as autoimagens. O país está utilizando dos eventos esportivos como forma de se inserir internacionalmente, e, por conta disso, o Qatar está tentando sediar a maior quantidade destes. Uma vez que o país se firme no cenário internacional como sede de eventos esportivos, o Qatar concretizará o seu plano de ser a Meca dos esportes.

Palavras Chave: Qatar; Copa do Mundo FIFA 2022; Eventos Esportivos; Autoimagem.

## **ABSTRACT**

The sports world was surprised in 2010 when Qatar was chosen as host country of the FIFA World Cup 2022, once Qatar has disputed the poll against traditional countries as United States of America, Japan, South Korea and Australia. Given that, this study pretends analyze how Qatar has constructed its bid to host this global sporting event. For this, the Qatari's projected self-images will be discussed due to their extreme importance to the bid's construction. It was perceived a high governmental commitment to search this goal, given that the many governmental projects that compose the self-images. Qatar is using the sporting events to put the country on the map, and in like fashion, the country has been trying to host as many sporting events as it can. Once Qatar stabilizes on the international scenario as sporting events host country, Qatar will materialize its plan to become the sport's Meca.

Key words: Qatar; FIFA World Cup 2022; Sporting Events; Self-Images;

**LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

|          |   |
|----------|---|
| AFC      | Confederação Asiática de Futebol          |
| CBF      | Confederação Brasileira de Futebol        |
| CAF      | Confederação Africana de Futebol          |
| CCG      | Conselho de Cooperação do Golfo           |
| COI      | Comitê Olímpico Internacional             |
| CONMEBOL | Confederação Sul Americana de Futebol     |
| FIFA     | Federação Internacional de Futebol        |
| OFC      | Confederação de Futebol da Oceania        |
| ONU      | Organização das Nações Unidas             |
| OTAN     | Organização do Tratado do Atlântico Norte |
| UEFA     | União das Federações Europeias de Futebol |
| USOC     | Comitê Olímpico dos Estados Unidos        |



## LISTA DE FIGURAS

|  |    |
|--|----|
| Figura 1. Modelo explicativo do marco teórico..... | 19 |
|--|----|

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO.....</b>  | <b>1</b>  |
| <b>1. A PROJEÇÃO DE AUTOIMAGENS INTERNACIONAIS: A AÇÃO DO ATOR RACIONAL EM BUSCA DE SATISFAZER SEUS INTERESSES.....</b> | <b>8</b>  |
| 1.1. PODER.....   | 12        |
| 1.2. <i>SOFT POWER</i> .....  | 13        |
| 1.3. PRESTÍGIO.....   | 15        |
| 1.4. AUTOIMAGEM.....  | 16        |
| <b>2. AS AUTOIMAGENS INTERNACIONAIS PROJETADAS PELA CANDIDATURA QATARI À COPA DO MUNDO FIFA 2022.....</b>               | <b>20</b> |
| 2.1. DEFENSOR DA AUTOAFIRMAÇÃO ÁRABE.....   | 21        |
| 2.2. DESTAQUE REGIONAL.....   | 28        |
| 2.2.1. Educação e Cultura.....  | 29        |
| 2.2.2. Política.....  | 32        |
| 2.2.3. Economia.....  | 35        |
| 2.3. POTÊNCIA VERDE.....  | 37        |
| 2.4. BALUARTE DOS ESPORTES.....   | 40        |
| <b>3. CONCLUSÕES.....</b>   | <b>46</b> |
| <b>4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>   | <b>48</b> |
| 4.1. ARTIGOS CIENTÍFICOS SOBRE O QATAR.....   | 48        |
| 4.2. FONTES OFICIAIS (FIFA, GOVERNO DO QATAR E ORGANIZAÇÕES INTERNACIONAIS).....  | 50        |
| 4.3. NOTÍCIAS ESPORTIVAS.....   | 51        |
| 4.4. NOTÍCIAS POLÍTICAS.....  | 53        |
| 4.5. PRODUÇÕES ACERCA DO PAPEL DO ESPORTE NA POLÍTICA....   | 57        |
| 4.6. TEORIA E CONCEITOS DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS.....  | 58        |

## INTRODUÇÃO

A inserção do Golfo Pérsico no calendário esportivo mundial começou a ser acolhida favoravelmente nos últimos anos pelas mais diversas federações esportivas internacionais. E, de fato, estas instituições esportivas têm começado a demonstrar interesse em expandir os seus eventos, sediando estes na região. Como exemplo, podem-se citar os circuitos de Fórmula 1 que ocorrem no Bahrein e nos Emirados Árabes Unidos. Além do público, que tem fortes vínculos emocionais com o esporte, a região é economicamente atrativa por conta do potencial financeiro, turístico e de público. Ainda que a região não se destaque no futebol mundial, percebeu-se uma grande quantidade de eventos deste esporte no Golfo Pérsico nos últimos anos. Em 2009 e em 2010, por exemplo, os Emirados Árabes Unidos sediaram o Mundial de Clubes da FIFA. Porém, a expansão dos eventos de futebol só se deu de fato com a escolha do Qatar como sede da Copa do Mundo FIFA 2022 e da Copa das Confederações FIFA 2021. O governo qatari teve uma participação ativa no processo de candidatura do Qatar, uma vez que a Copa do Mundo FIFA 2022 seria o fator que impulsionaria não só inserção do país no meio esportivo internacional, mas também, promoveria o desenvolvimento nacional.

Em 2009, foi lançado pelo Sheikh Mohammed bin Hamad bin Khalifa al-Thani o projeto qatari para sediar a Copa do Mundo FIFA 2022. A proposta foi vista pela imprensa esportiva como um projeto com chances mínimas de ser escolhido pelo órgão máximo do futebol. Ao competir com países tradicionais do futebol e com histórico de organização de grandes eventos esportivos, como a Austrália, a Coréia do Sul, os Estados Unidos e o Japão, era dada como quase nula uma vitória da proposta qatari.

No dia 02 de dezembro de 2010, na sede da FIFA, em Zurique, a candidatura do Qatar venceu a eleição, superando as outras candidaturas. A escolha do Qatar como sede da Copa Mundo FIFA 2022 pode ser interpretada como uma demonstração deste momento de destaque qatari na região, uma vez que este país será o primeiro do mundo árabe a sediar tal evento, superando, assim, países tradicionais no futebol, tais como o Egito<sup>1</sup>, a Arábia Saudita e o Irã (Calderwood,

---

<sup>1</sup> Apesar de ser um país do Oriente Médio e ter grande destaque no futebol da região, o Egito faz parte da Confederação Africana de Futebol (CAF) por conta de sua localização neste continente.

2011). Abdulkhaleq Abdulla (2010) identifica este destaque que os países do Golfo Pérsico estão tendo atualmente no cenário internacional como o Momento do Golfo.

Porém, a legitimação do status do Qatar perante o mundo esportivo não foi bem recebida por vários países ocidentais, já que, provocou reações e críticas quanto à escolha do país. A Inglaterra, por exemplo, que foi preterida como sede da Copa do Mundo FIFA 2018 em detrimento da Rússia, discursou ferozmente contra a escolha do Qatar como sede para 2022. Gerard DeGroot (2011) apresenta a ideia de que as hipóteses levantadas pela Federação Inglesa de Futebol sobre uma possível compra de votos na eleição nada mais são do que um discurso preconceituoso, ocidental, fechado e baseado numa moral anti-islâmica. É importante notar que a Inglaterra ficou em último lugar na eleição para a escolha da sede do evento de 2018. Os Estados Unidos também fizeram sérias críticas à escolha, baseando-se em preconceitos e abandonando o *fair play* que é esperado nesses casos, em que um país é preterido em relação a outro. Os Estados Unidos perderam na última rodada da votação, recebendo oito votos, contra catorze em favor do Qatar (Castanho, 2010). A mídia dos Estados Unidos alegou que a candidatura norte-americana já dispunha de todo o aparato necessário para sediar o evento, ao contrário do Qatar, que necessitava construir a maior parte da estrutura proposta (Farley, 2010). Porém, a crítica mais controversa foi a que alegou que os Estados Unidos eram países tradicionais no futebol, assim como o Japão, a Coreia do Sul e a Austrália (Scavuzzo, 2010). Todavia, estas críticas não condizem com a realidade, uma vez que o esporte mais tradicional nos Estados Unidos é o basquete e o futebol americano, enquanto na Coreia do Sul e Japão é o beisebol, e na Austrália é o rugby. O Qatar, apesar de não ter muita tradição esportiva no plano internacional, tem o futebol como o esporte mais praticado e assistido no país.

A FIFA não se mostrou contente perante essas declarações. Assim como afirmou o Presidente da Federação, Joseph Sepp Blatter, “alguns simplesmente não podem suportar a mudança. O que pode estar errado se nós levamos o futebol às regiões onde este esporte demonstra um potencial que vai muito além do esporte?” (Apud. DeGroot, 2011). A fala do presidente legitima o projeto do governo do Qatar, que é o de utilizar a Copa do Mundo FIFA 2022 como forma de impulsionar sua economia e sua política, por meio de seus investimentos bilionários. Diante das críticas que foram lançadas após o anúncio do país sede, o sheikh do Qatar, Hamad

bin Khalifa Al-Thani, confrontou os céticos ao afirmar que “a lot of people think that we are a small country, but we can accomplish great things.” (apud. FIFA, 2010).

De fato, o governo qatari está atuando politicamente para concretizar tal objetivo. Esta atuação está ocorrendo de forma simultânea no plano governamental, com ações concretas, como o provimento de infraestrutura esportiva (Barakat, 2012, p. 7). Ao pleitear o *hosting* da maior quantidade de eventos esportivos internacionais possíveis<sup>2</sup>, o Qatar deseja firmar-se como a Meca do esporte mundial. A vitória da candidatura para a Copa do Mundo FIFA 2022 foi um passo de extrema importância para concretizar tal fim. Este estudo identificará, então, como o Qatar se construiu como candidato à Copa do Mundo FIFA 2022. Para fazê-lo, identificar-se-ão as várias autoimagens internacionais que informaram o modo como o Qatar construiu a sua candidatura na cena internacional. Algumas destas autoimagens já eram projetadas antes da proposta do país a sediar a Copa do Mundo FIFA 2022, porém, a projeção cresceu significativamente desde o anúncio do interesse do país em sediar o evento.

O presente trabalho tem como argumento central o fato de que o modo como o Qatar projetou e promoveu a sua autoimagem internacional foi importante para a formulação da candidatura que concedeu ao país o direito de sediar a Copa do Mundo FIFA 2022. Como será percebido ao longo deste estudo, vários componentes utilizados para formar as autoimagens internacionais são programas governamentais, o que demonstra um forte engajamento estatal pelas esferas políticas do país para o fortalecimento dessas. Além disso, este evento faz parte de um projeto governamental que tem como objetivo final transformar o país na Meca do esporte. Este estudo compreende o termo Meca dos Esportes como o local onde vários eventos esportivos irão acontecer por conta da experiência do país em organizá-los e da infraestrutura ofertada. A criação deste termo foi feita por meio de uma metáfora em relação à importância da cidade de Meca para os muçulmanos. Importante mencionar que este estudo não tem como objetivo afirmar que as autoimagens internacionais projetadas pelo Qatar foram o fator que fez com que a proposta qatari fosse escolhida pela FIFA. Ainda que a FIFA tenha afirmado na

---

<sup>2</sup> Nos últimos anos o Qatar sediou diversos eventos esportivos, tais como: Campeonato Mundial de Tênis de Mesa de 2004, Jogos Asiáticos de 2006, Gymnasiade de 2009, Campeonato Mundial em Recinto Fechado de 2010, Copa da Ásia de 2011. Além desses, sediará nos próximos anos: Campeonato Mundial em Piscina Curta de 2014, Campeonato Mundial de Handebol de 2015, Campeonato Mundial de Corrida de Bicicleta de 2016, Copa das Confederações de 2021 e a Copa do Mundo FIFA de 2022.

época de submissão das candidaturas que iria priorizar a proposta que mudasse positivamente os rumos do futebol na cena internacional (ESPN, 2009), o processo de escolha de sede não é público, o que impede fazer inferências acerca deste tema.

A produção deste estudo se justifica, tendo em vista a carência de produções acadêmicas que dissertem acerca da relação do esporte com a política, como forma de se alcançar objetivos políticos. Infelizmente, poucas produções se dedicam a estudar sobre como o esporte é de fato um capital político com relevância na formulação de políticas públicas. Com o avanço do estudo das relações internacionais, e, por consequência, a ampliação do seu campo, é preocupante que poucos pesquisadores identifiquem no esporte uma forma que o Estado utiliza para concretizar objetivos. Lincoln Allison (2005, p. 5), inclusive, cita que é estranho não encontrar nenhuma referência ao assunto em monografias e compêndios recentes. Somado a isso, existe uma insuficiência de estudos que dissertem acerca do papel dos esportes e de seus eventos nas relações internacionais e como estes são usados como forma de projeção internacional pelos países sedes. Segundo Hugo Suppo (2012, p. 398), existe no campo de estudo das relações internacionais no Brasil uma notável falta de interesse no concerne às produções acadêmicas que abordem o papel do esporte nas relações internacionais. Ainda que alguns historiadores, sociólogos, jornalistas e antropólogos, tais como Maurício Drummond (2008)<sup>3</sup>, Victor Andrade de Melo e Marcelo Drummond (2009)<sup>4</sup> e Ronaldo Helal (2011)<sup>5</sup> tenham publicado, recentemente, estudos sobre o lugar do esporte na sociedade, existe apenas a obra de Douglas Wanderley de Vasconcellos (2011)<sup>6</sup> no campo das relações internacionais. Tendo em vista essa insuficiência de produções, este estudo se justifica, por último, com o intuito de contribuir para que essa negligência mútua existente entre estudiosos das relações internacionais e do esporte, como mostra Trevor Taylor (1986) acabe. Suppo (2012, p. 414) nota, por exemplo, que o pouco que foi produzido, não foi feito por especialistas em relações internacionais e sim por pesquisadores na área dos esportes.

---

<sup>3</sup> Maurício Drummond publicou em 2008 o livro *Nações em jogo: esporte e propaganda política em Vargas e Perón*.

<sup>4</sup> Victor Andrade de Melo e Maurício Drummond publicaram em 2009 o livro *Esporte e cinema: novos olhares*.

<sup>5</sup> Ronaldo Helal publicou em 2011 o livro *Futebol, jornalismo e ciências sociais: interações*.

<sup>6</sup> Douglas Wanderley de Vasconcellos publicou em 2011 o livro *Esporte, Poder e Relações Internacionais*.

Este estudo trabalhará com as seguintes hipóteses: o governo qatari projetou várias autoimagens internacionais com o intuito de formular uma candidatura competitiva; estas autoimagens internacionais foram formuladas baseadas nas políticas governamentais qatari e na política externa do país; e, por fim, ao sediar a maior quantidade de eventos esportivos possíveis, o país se firma internacionalmente na agenda esportiva mundial, projetando-se, assim, uma meta autoimagem de local propício para a realização de eventos esportivos internacionais.

Ao longo deste estudo, será respondida a seguinte questão central: Quais foram as autoimagens internacionais projetadas pelo Qatar de modo a construir a sua candidatura à Copa do Mundo FIFA 2022? Além disso, uma pergunta secundária será respondida: Quais são os objetivos que o Qatar espera concretizar ao sediar a Copa do Mundo FIFA 2022?

Este estudo objetiva primeiramente fazer uma análise acerca de como o uso das autoimagens é utilizado na construção da candidatura de um país ou cidade à sede de algum evento esportivo, analisando para isto, o caso do Qatar. Almeja-se, também, analisar as políticas públicas e governamentais executadas pelo Qatar com o intuito de fortalecer sua autoimagem internacional.

Este trabalho será um estudo de caso e utilizará o método de natureza qualitativa. Robert K. Yin (1984, p. 23) define estudo de caso como uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto de vida real, quando as fronteiras entre o fenômeno e o contexto não são claramente evidentes e no qual são utilizadas várias fontes de evidência. A escolha pelo estudo de caso se justifica por este ser especialmente indicado para investigadores isolados, dado que proporciona uma oportunidade para estudar, de uma forma mais ou menos aprofundada, um determinado aspecto de um problema em pouco tempo (Bell, 1993). Além disso, este método tem a vantagem de permitir ao investigador a possibilidade de se concentrar num caso específico ou situação e de identificar, ou tentar identificar, os diversos processos interativos em curso (Idem). Para subsidiar este estudo, será feita uma análise de fontes primárias e secundárias. Serão utilizadas principalmente fontes primárias advindas de *websites* esportivos, além de notícias relacionadas à política do Qatar. A escolha de *websites* esportivos, ainda que questionável por conta de seu caráter jornalístico e não analítico, se justifica pela carência de fontes oficiais da FIFA ou da própria

candidatura qatari. Os *websites* esportivos surgem, então, como o porta-voz extraoficial em casos de candidatura aos eventos esportivos, ofertando, assim, notícias que muitas vezes não são publicadas. Todavia, cabe ressaltar que a seleção dos *websites* foi baseada, sobretudo, na tradição esportiva e na confiabilidade que estes possuem. As poucas informações oficiais advêm, então, de notícias acerca da política nacional do Qatar, além dos discursos oficiais que, são onde as autoimagens são mais projetadas e destacadas pelos governantes. As fontes secundárias, tais como artigos científicos que expliquem acerca da política qatari, acerca da relação entre marketing esportivo e política e acerca da relação entre os eventos esportivos e as relações internacionais também serão utilizadas. Servirão como base científica também artigos que dissertem acerca dos conceitos e aplicações da autoimagem internacional, dos quais se destacam as obras de Noel Kaplovitz (1990), Sebastian Harnisch (2011, apud. Vânia Carvalho Pinto, 2012), Christopher Hill (2003), Kalevi J. Holsti (1970) e Rikard Bengtsson e Ole Elgström (2011, apud. Vânia Carvalho Pinto, 2013).

Tendo em vista que as percepções que o Qatar tem sobre si mesmo e que são projetadas internacionalmente fazem-se importantes para o desenvolvimento da análise proposta por este estudo, o conceito da autoimagem foi adotado como marco teórico. O desenvolvimento de tal conceito, assim como a explanação acerca do seu lugar na teoria das relações internacionais, será feito a posteriori. Como base teórica para a identificação de algumas autoimagens internacionais, utilizou-se alguns modelos apresentados por Kalevi J. Holsti (1970) em seu texto *National Role Conception In The Study of Foreign Policy*. Outras autoimagens internacionais identificadas e formuladas pelo autor advêm de conceitos das relações internacionais.

Este estudo será dividido em três partes principais. Na primeira parte será discutido como o conceito de autoimagem se insere na discussão da teoria das relações internacionais. Para isto, conceitos como poder, *soft power* e prestígio também serão abordados.

A segunda parte objetiva-se a apresentar quais foram as autoimagens internacionais e seus componentes projetados pela candidatura qatari na disputa pelo direito de sediar a Copa do Mundo FIFA 2022.



Por fim, na última parte, que consiste na conclusão, serão feitas as considerações finais, retomando os principais pontos deste estudo.

## 1. A PROJEÇÃO DE AUTOIMAGENS INTERNACIONAIS: A AÇÃO DO ATOR RACIONAL EM BUSCA DE SATISFAZER SEUS INTERESSES.

Desde as antigas civilizações gregas e romanas, o esporte e eventos relacionados foram utilizados pelos governos como forma de alcançar objetivos políticos (Tomlinson e Young, 2006, p. 1). O esporte, então, não foi e nem deve ser visto apenas como forma recreativa e de lazer, mas como um capital político capaz de servir de base para concretizar planos governamentais. Ainda que o estudo das relações internacionais tenha demonstrado pouco empenho para perceber o esporte como capital político relevante no cenário global (Taylor, 1983. apud. Allison e Monnington, 2006, p. 5), a história contemporânea tem destacado a relevância internacional daquele. Por meio de ações como boicotes a eventos, países demonstram suas visões políticas sobre um determinado tema (Idem). Porém, é no *hosting* de um evento que o país mais se projeta como ator internacional relevante. O prestígio, por exemplo, que o país garante ao realizar um evento bem organizado projeta a imagem de um uma nação capaz de cumprir promessas internacionais, além de ser dotado de governança e capacidade de concretizar acordos feitos.

De fato, como afirmam Andrei S. Makovits e Lars Rensmann (2010, p. 10), a história tem clássicos exemplos nos quais eventos esportivos foram utilizados como meio de campanhas políticas, ideológicas e governamentais. Ao longo da história, várias autoimagens foram projetadas durante as candidaturas aos eventos esportivos. A adoção desta abordagem como forma de fortalecer a proposta de *hosting* por um aspirante tem como objetivo apresentar ao organismo esportivo internacional as capacidades do país no que tange à organização de um evento internacional. Para formular uma candidatura sólida e competitiva, um governo nacional tem que analisar os riscos do *hosting* e apontar os objetivos que se espera concretizar ao final do evento. Com o intuito de ilustrar o quão as autoimagens se fazem presentes nas campanhas para *hosting* de eventos esportivos, casos notáveis serão analisados a seguir.

A Itália sediou a Copa do Mundo FIFA 1934, quando o evento ainda não tinha tanta relevância no calendário esportivo internacional. Porém, o que cabe ressaltar nesse caso é a propaganda do fascismo que foi percebida. O governo de Mussolini

queria apresentar, por meio deste evento, a ascensão italiana no cenário internacional, seja no campo político ou no esportivo (Gordon e London, 2006). O caso das Olimpíadas de 1936, que foi realizada em Berlim, é o mais clássico, visto que o acontecimento foi utilizado como forma de promover internacionalmente os ideais nazistas e a força alemã, fosse como potência esportiva ou como potência política (Guttman, 2006, p. 67). O engajamento de Hitler e seus aliados para que este evento fosse um sucesso aconteceu como forma de afirmação de uma ideologia política no cenário internacional, assim como aconteceu com a Itália em 1934. Para sediar a Copa do Mundo FIFA 1966, a Inglaterra projetou a autoimagem do país que inventou o futebol, e, por conta disso, seria direito natural do país sediar tal evento (Mason, 2006). O caso da Cidade do México e as Olimpíadas de 1968 chamam a atenção pela quantidade de autoimagens projetadas durante a candidatura do país para ser sede do evento. A comissão organizadora da candidatura do país apresentou o México como um país moderno, líder do terceiro do mundo, da América Latina e dos países hispânicos, além de destacar a economia robusta e dinâmica, e de ser um defensor da paz (Claire e Brewster, 2006). Com isso, o governo mexicano queria que o país fosse reconhecido internacionalmente como o local propício para sediar eventos esportivos na América Latina, tendo em vista a realização dos Jogos Olímpicos em 1968 e a Copa do Mundo FIFA 1970 do México (Idem). Com o intuito de mudar a má impressão mundial que o mundo ficou com a realização dos Jogos Olímpicos de 1936 em Berlim, o governo alemão apresentou a candidatura da cidade de Munique à sede das Olimpíadas de 1972. O país projetou a autoimagem de um país renascido, com novos pensamentos e mais tolerante, ainda que existisse a rivalidade com a vizinha Alemanha Oriental (Young, 2006). As Olimpíadas de 1980 mais uma vez foram utilizadas como forma do país projetar internacionalmente autoimagens. Neste caso, o governo soviético apresentou, durante os Jogos de Moscou, a potência econômica, política e esportiva da extinta União Soviética, ao mesmo tempo em que se afirmava como líder do bloco soviético (Edelman, 2006). A Alemanha utilizou da Copa do Mundo FIFA 2006 com o intuito de se mostrar como um país da inovação e da amizade (Suppo, 2012). A China em 2008 apresentou ao sediar as Olimpíadas de Pequim os destaques políticos, econômicos e esportivos do país, além de impressionar o mundo com sua capacidade de inovar tecnologicamente (Sotiriadou e Browers, 2012). Esses jogos

foram a forma chinesa de apresentar ao mundo, sobretudo ocidental, que o país estava de fato em busca de assumir um papel de líder internacional (Idem). O último caso notável foi a candidatura do Rio de Janeiro à sede das Olimpíadas de 2016. O governo brasileiro, dentre tantas autoimagens internacionais projetadas, destacou o papel de líder regional, sua potencialidade esportiva e o boom econômico pelo qual o país estava passando (Lopez, 2009). Infere-se, então, que o processo de candidatura a um evento esportivo consiste em uma exposição de várias autoimagens internacionais do postulante à sede. Os eventos esportivos provaram, ao longo dos tempos, que são uma oportunidade única para o lançamento ou a afirmação de identidades nacionais que o governante deseja, além de serem um reflexo do contexto internacional corrente (Tomlison, 2006, p 42).

Cabe destacar que o processo de candidatura exige, dentre tantos fatores, garantias governamentais que sustentem os planos do país. Para isso, são necessários que projetos sejam apresentados de modo a convencer os delegados de dada federação esportiva internacional promotora do evento acerca das capacidades de organização e operacionalização do país. Pode-se então considerar que o país que procura receber eventos projeta determinadas autoimagens na cena internacional, que visam evidenciar características positivas de si próprio que possam sustentar a sua candidatura.

Nos últimos cem anos, os esportes deixaram de ser uma atividade paroquial com interesses governamentais, tomando, assim, relevância global, com engajamento de presidentes, monarcas e primeiros-ministros (Houlihan, 1997, p. 1). Ao notar que chefes de Estados se empenham tanto para a realização de eventos esportivos, deve-se chamar a atenção para o fato de que a sua presença é uma forma de legitimar o interesse governamental perante o cenário internacional. As candidaturas de eventos esportivos adquiriram um caráter de notável empenho governamental, envolvendo não apenas instituições e federações esportivas nacionais relacionadas, mas demandando atividades de várias esferas governamentais e civis. De fato, a realização de eventos esportivos atrai interesses da área econômica do país, principalmente industrial e comercial (Tomlison, 2006, p. 44). A justificativa para tal ação é do potencial de propaganda que o evento proporciona ao país, não apenas no campo esportivo, mas também, no campo de realizações políticas (Tomlinson e Young, 2006, p. 1).

Ao longo dos últimos anos, os eventos esportivos cresceram em tamanho e significância, uma vez que os atores internacionais começaram a enxergar nos benefícios que o *hosting* gera ao país. Inicialmente, os países de maior relevância internacional, tal como os europeus, os Estados Unidos e o Japão, eram escolhidos como sede de eventos. Todavia, percebe-se, nos últimos anos, um maior engajamento de países menores para a realização de eventos em seus países. Alan Tomlinson e Christopher Young (2006, p. 2) justificam tal interesse, uma vez que estes países pequenos podem agir mais incisivamente por meio de eventos esportivos do que em organizações internacionais de cunho cultural ou político, tal como a Organizações das Nações Unidas (ONU)<sup>7</sup>. Tal análise leva em conta que países pequenos não detêm tanto poder quanto os grandes<sup>8</sup> nas organizações internacionais políticas.

Este estudo percebe que o Estado é dotado de racionalidade para escolher o *hosting* de algum evento esportivo internacional como forma de se projetar internacionalmente. Para isto, ele projeta autoimagens internacionais como forma de conseguir prestígio internacional e aumentar o seu poder no cenário mundial. Este capítulo, então, se dedicará a apresentar como a autoimagem internacional se insere no estudo das relações internacionais.

A teoria da escolha racional é percebida pelos teóricos realistas das relações internacionais, como, por exemplo, Edward Carr (1981[1939]) e Hans Morgenthau (1955), como a forma de se pensar o comportamento dos governos em suas interações com outros atores (Allison e Zelikow, 1999, p. 26). A unidade básica de análise do modelo do ator racional é a ação governamental (Feklyunina, 2009, p. 14). O país, ou o governo deste, seleciona as ações que irão maximizar objetivos nacionais estratégicos, escolhidos por meio de uma análise de todas as alternativas ofertadas (Idem). Por conta disso, qualquer ação que o país faça no sistema internacional é baseada em uma escolha racional que abrange uma análise dos fins que são esperados concretizarem. Pode-se afirmar que uma das formas que os países utilizam para alcançar seus objetivos é por meio do poder. A busca por ele é percebida como uma das forças motrizes das relações internacionais.

---

<sup>7</sup> Importante notar que a FIFA tem 204 países filiados e o COI 202, enquanto a ONU, 191.

<sup>8</sup> De fato, por ser um país pequeno, o Qatar tem que encontrar meios alternativos para sobreviver no sistema internacional e garantir a manutenção de sua soberania (Peterson, 2006, p. 735).

## 1.1. Poder

Os teóricos realistas foram os que mais se dedicaram ao estudo do papel do poder como elemento central para a análise das relações internacionais (Nogueira e Messari, 2005, p. 28). Apesar do destaque recebido nas análises, o conceito de poder não é percebido de forma uniforme. Existe uma diversidade de compreensões no que tange a definição deste conceito. Carr (1939[1981]) em sua obra *Vinte Anos de Crise 1919-1939*, por exemplo, não define o conceito, apenas o identifica como um fator inseparável da política. Carr (Idem), também categoriza o conceito em três categorias: poder militar, poder econômico e poder sobre opinião. O poder militar é identificado por ele como um fator dominante na política internacional, refletindo nas percepções de terceiros sobre a capacidade e status do ator (Idem, p. 143). O poder econômico, por sua vez, é visto como um capital intrinsecamente ligado ao poder político, garantindo ao ator a capacidade de influência no cenário internacional (Idem, p. 149). Por fim, o poder sobre a opinião é ligado à capacidade de persuasão sobre as impressões de terceiros a respeito do ator, e é de extrema importância para a imagem do país no exterior, uma vez que, ao lidar com política, pensamentos e sentimentos humanos estão envolvidos (Idem, p. 173). Em suma, percebe-se que o conceito de poder para Carr (Idem) está ligado às capacidades materiais de um ator: o ator mais poderoso será aquele belicamente mais equipado, mais rico e com capacidade de persuasão. Esta visão de Carr (Idem) não se assemelha ao pensamento apresentado por Morgenthau (1955), em seu livro *A política entre as nações: a luta pelo poder e pela paz*. Nesta obra, Morgenthau (Idem) identifica o poder como um objetivo a ser alcançado pelo ator. O interesse definido em termos de poder “permite remontar ou antecipar os passos que um político - passado, presente ou futuro - deu ou dará no cenário político” (Idem, p. 6). Morgenthau (Idem, p. 16) ainda apresenta que o realismo parte do princípio que interesse definido como poder constitui uma categoria objetiva que é universalmente válida, mas não outorga a esse conceito um significado fixo e permanente. À luz disto, percebe-se que as relações entre as nações sempre foram definidas em termos de poder. No entanto, o tipo de interesse das ações políticas varia dependendo de determinado contexto histórico cultural e político, sendo assim, os interesses, que tem como base maximizar o poder dos Estados, não são fixos e permanentes. Nogueira e Messari

(2005, p. 29) apresentam que na visão de Hans Morgenthau, os atores procuram o poder visando à manutenção do *status quo*, à expansão ou ao prestígio.

Outro teórico que deu destaque ao estudo do conceito de poder nas relações internacionais foi Kenneth Waltz, em seu livro *Theory of international politics*, publicado em 1979. Na visão deste teórico, o poder é a capacidade de influenciar o sistema internacional mais do que ser influenciado por ele (Waltz, p. 88). Contrastando com a visão de Morgenthau (1955), que percebe o poder como um fim, Waltz (1979) percebe o poder como um meio. Na visão deste autor, os atores utilizam o poder como forma de garantir a sobrevivência no sistema internacional e se manterem seguros. Waltz (Idem) tem um pensamento semelhante à proposta de Carr (1939[1981]), uma vez que ambos compreendem o conceito de poder como uma forma do ator satisfazer seus interesses sejam eles de destaque internacional ou de sobrevivência. Em suma, percebe-se que estes três teóricos identificam o conceito de poder muito ligado à visão da busca incessante dos Estados pelo poder. Porém, este trabalho compreende que a visão de poder que Joseph Nye (1990; 2004; 2008) oferece é mais aplicável ao estudo de caso que será feito.

## **1.2. Soft Power**

Nye (1990, p. 177) apresenta que poder é um conceito que todos falam, porém, poucos compreendem o que de fato ele representa. De acordo com ele, poder é definido como a habilidade de influenciar o comportamento dos outros para conseguir o que se deseja (2004, p. 2). Ao apresentar apenas esta definição, percebe-se que existe uma convergência com o pensamento de outros autores, que foram mencionados até aqui. Todavia, o que diferencia na teoria de Joseph Nye é a criação de um conceito derivado do conceito de poder. Apresentado como “the second face of power”, Nye (Idem) apresenta a noção de *soft power*, que é definido como um poder sem coerção nem pagamentos, mas com cooptação, por meio da atração. A influência, que também era interligada ao conceito de poder, é visto com outra visão no *soft power*, uma vez que ela pode ser conquistada por meio de pagamento ou coerção (Idem, p. 6). No *soft power*, o uso da influência se dá através de ações que atraíam novos seguidores. Em suma, o *soft power* de Nye (Idem, p. 7) é apresentado como um poder atrativo e cooptativo, em que o ator tem a habilidade

de moldar o interesse dos outros. Nye (Idem, p. 11) apresenta que o *soft power* baseia-se em alguns recursos, facilitando, assim, o processo de atração e cooptação.

O primeiro recurso é a cultura, que é definida como o conjunto de valores e práticas que criam significados para uma sociedade (Idem). Quando um país inclui valores universais em sua política, e ela promove valores e interesses que outros atores apoiam, aumenta-se a chance de atração de novos atores (Idem). Valores rígidos e paroquiais são menos favoráveis ao exercício do *soft power*. De fato, existem atualmente no campo das relações internacionais estudos que se dedicam a compreender este processo de uniformização das políticas no cenário internacional, denominado *standard of civilisation*. Um dos primeiros a explorar tal conceito foi Georg Schwazemberger (1955, 227), que percebeu o *standard of civilisation* como semelhante ao direito internacional. Todavia, para este autor, este conceito só foi aplicável até a Segunda Guerra Mundial e não é mais válido para explicar a dinâmica contemporânea das relações internacionais. Divergindo desta opinião, Gerrit Gong (1984) em seu livro *The standard of civilisation and international society*, expressa que o conceito não é apenas semelhante ao direito internacional, mas também pode ser considerado como uma pedra fundamental deste, além de refletir a cultura ocidental e seu domínio mundial. Na visão de Gong (Idem, p. 4), é importante compreender o que vem a ser o *standard of civilisation*, uma vez que este explica os rumos da política internacional e a atuação da sociedade nesta. Brett Bowden (2004), por sua vez, percebe atualmente a aplicação do *standard of civilization* principalmente na defesa dos direitos humanos e da democracia, no combate ao terrorismo internacional e na busca por meios de se alcançar a paz. Tendo em vista que o *standard of civilisation* é composto por temas que se fazem presentes na pauta de discussões da política internacional contemporânea, Tadashi Iwami (2008, p. 10) percebe que os atores internacionais estão tendo que se adequar a estes padrões internacionais. Em suma, o conceito em sua forma mais completa foi apresentado por Mehdi Mozaffari, em seu texto *The transformalist perspective and the rise of a global standard of civilization*. Ela define o conceito como o conjunto de leis, normas, valores e costumes que proporcionam oportunidades e constrangimentos aos atores internacionais (2001, p. 251). Estes atores são principalmente os Estados, que, por consequência, são os mais



influenciados a mudarem seus comportamentos de modo a seguir um padrão internacional. Inere-se, então, que um país ao seguir os padrões do *standard of civilisation*, terá sua cultura mais bem aceita, e, por consequência, poderá ter uma boa recepção do seu *soft power*.

O segundo recurso que auxilia na aplicação do *soft power* são as políticas governamentais domésticas e internacionais (Nye, 2004, p. 13). Um país deve ser cauteloso ao utilizar tal recurso, uma vez que não deve soar como impositivo, arrogante e indiferente à opinião dos outros. Não será bem aceito, por exemplo, que um país defenda internacionalmente valores que sejam internamente desprezados. Faz-se necessário uma capacidade de liderança e de domínios de conhecimentos que devem ser bem utilizados pelo ator. Nye (2008) apresenta que o *soft power* tem que ser inspirador para os receptores. Para isto, o ator tem que ter uma visão política com capacidade de atrair seguidores e apoiadores, além de expor a efetividade de suas capacidades (Idem, p. 10). Além disso, faz-se necessário que o ator tenha uma boa capacidade comunicativa, utilizando-se de exemplos bem sucedidos, quando for aplicar algum programa internacionalmente. Para isto, é necessário deter da capacidade de convencimento para atrair seguidores de seu contexto, além dos mais distantes (Idem). E por fim, o ator tem que ter a habilidade de criar relações com diversos atores.

Por fim, o terceiro e último recurso para o *soft power* é referente aos valores (Nye, 2004, p. 14). O comportamento doméstico do ator, além de sua atuação em instituições e organizações internacionais e sua política externa, podem ser fatores determinantes para atrair outros atores. Este último recurso, para Nye (Idem), assume um papel de extrema importância, uma vez que tem grande capacidade de repelir outros atores caso o ator que deseja aplicar o *soft power* tenha uma atuação não condizente com o que ele defende. Tendo em vista o quão importante é a imagem internacional projetada pelo ator, faz-se importante mencionar o prestígio, tendo em vista a relação que existe entre *soft power* e prestígio.

### **1.3. Prestígio**

Prestígio é definido como “the judgment about a relative standing of one party made by other parties. This judgement depends not only on what a country is, but

also on the standards by which the country is evaluated” (ETZIONI, 1962, p. 24). Prestígio, todavia, é diferente de reputação. Como apresenta Lana Wylie (2007), prestígio ganha-se por meio de uma boa reputação, o que o torna a consequência de uma série de ações percebidas como boas. Prestígio internacional é definido, então, por esta autora, como um alto nível de respeito que um país tem na visão de outros (Idem, p. 4). Etzioni (1962, p. 24) apresenta que a natureza da estrutura política nacional, a economia, a cultura e fatores gerais, tais como o nível de tecnologia e capacidade militar, são fatores que influenciam as percepções que os atores terão acerca de um ator específico, interferindo, assim, no seu prestígio. Apesar de este conceito ser bastante mencionado nos estudos de política internacional, a teoria das relações internacionais deu pouca atenção em aplicá-lo nas análises. O neoliberalismo institucional, por exemplo, apresenta que o prestígio é importante e relevante, porém, não é percebido como um fim do comportamento do ator (Wylie, 2007, p. 4). O realismo foi um dos poucos que deram atenção à este conceito. O realismo clássico de Carr (1939, apud. Wylie, 2007, p. 5), por exemplo, percebia que grandes poderes detêm a capacidade militar, o que lhes conferem prestígio internacional. Morgenthau (1955) foi um dos poucos autores que percebeu que o prestígio é usado primeiramente para refletir poder. Para Morgenthau (Idem, p. 136), o poder de uma nação depende não apenas do alcance de sua diplomacia e da capacidade bélica de suas forças armadas, mas também, da capacidade de atrair outras nações por conta de sua filosofia política e instituições políticas públicas. Ele, inclusive, cita a política de prestígio, que é descrita como a demonstração de poder que um país tem ou que quer que os outros países pensem que ele tem (Idem, p. 71). Nota-se, então, que prestígio é um dos meios que o ator utiliza para ganhar influência internacional. Wylie (2007, p. 5) apresenta ainda que esta forma de política é mais utilizada por países sem um poder estabelecido no cenário internacional. A busca pelo poder, então, se dá por meio de ações que demonstrem as capacidades do país, garantindo, assim, boa reputação, e, por consequência, prestígio internacional. Tal ação pode ser feita por meio da projeção de autoimagens internacionais.

#### **1.4. Autoimagem**

Diante do que foi discutido até aqui, percebe-se que a lógica do ator racional baseia-se principalmente na ação do ator em busca de satisfazer seus interesses. Essa premissa faz com que ações concretas, tal como a política externa, sejam analisadas como forma de compreender a atuação internacional de algum país. Ainda que o modelo do ator racional se preocupe com a ação do Estado, existem produções acadêmicas que identificam as ideias como elementos que expliquem a ação internacional do ator. Judith Goldstein e Robert Keohane (1993) apresentam que, além do interesse, o Estado atua na arena internacional baseando-se nas ideias sustentadas por indivíduos, que se fazem presentes nas instituições governamentais e tomadoras de decisão. A proposta de mudança desta visão no modelo do ator racional se deu por conta da incapacidade de explicar a atuação do Estado baseando-se apenas na racionalidade do ator (Idem, p. 3). Ainda que estes autores não tenham questionado o comportamento do ator racional, que busca a satisfação de seus interesses, eles enfatizaram que ideias importam para a política, mesmo quando os seres humanos agem racionalmente para concretizar seus objetivos (Idem, p. 5). De fato, como apresenta Estevão Chaves de Rezende Martins (2002, p. 26)

a satisfação de interesses, sejam eles privados ou públicos, é um fim, para cuja consecução se estipula uma sequência argumentativa para sustentar o agir e motivação para ele. Admite-se, por conseguinte, que 'interesses' não se opõem à ideias e que, antes, são partes de um conjunto que aqui se chama de ideias. Dessa forma, a racionalidade dos meios para obtenção de fins não é uma mera questão instrumental, reduzida à otimização do egoísmo, o que não passaria de uma simplificação da realidade e não consistiria em sua explicação.

Com isso, as ideias passam a ser vistas como um elemento decisivo para entender e explicar o agir político. A partir disto, este estudo identifica a projeção de autoimagens como uma ação política de um ator racional que espera ganhar mais prestígio no cenário internacional. De fato, como afirma Michael Brecher (1972), a conexão entre autoimagem e decisões são pontos chaves para a compreensão da política externa.

Noel Kaplovitz (1990, p. 47) chama a atenção que o estudo acerca da formulação do conceito tem sido ignorado pelos estudiosos de relações internacionais. No meio acadêmico existem poucas definições do que de fato é

autoimagem, apesar de vários estudos de caso que envolvam o conceito<sup>9</sup>. Kaplowitz (Idem, p. 39) define que o conceito de autoimagem aborda questões como

how a people sees itself, that which it most likes about itself, that about which it is most disturbed, the ways in which it may want to change, perceptions of the nation's history, conceptions of national purpose and interest, and views of the nation's power and limits.

Sebastian Harnisch (2011, p. 8. apud. Vânia Carvalho Pinto, 2012) percebe autoimagem como a forma que um país vê a si mesmo e as percepções desta posição em relação aos outros. Kenneth E. Boulding (1959, p 120), percebe tal conceito como uma estrutura cognitiva, afetiva e avaliativa do comportamento do ator, ou a visão interna de si mesmo e do seu universo. Em suma, percebe-se que existe um entendimento que o conceito está relacionado às percepções do país sobre si mesmo. E um país projeta suas autoimagens internacionais em vários momentos. Christopher Hill (2003, p. 44) nota que a política externa atualmente tem sido utilizada como meio de promoção e projeção das identidades<sup>10</sup>. Considerando que um Estado deseja ser bem visto no cenário internacional, pode-se inferir que as autoimagens internacionais apresentarão o país com uma boa reputação, projetando, assim, apenas o que é desejado. De fato, um ator tem a capacidade de projetar várias autoimagens, ressaltando os pontos bons, sejam eles verdadeiros ou, como apresenta Boulding (1959, p. 131), manipulados pelas elites com o intuito de apresentar uma imagem boa do país no cenário internacional. Caso alguém apresente qualquer informação que contradiga ou desmistifique alguma imagem nacional<sup>11</sup>, tal informação será completamente ignorada (Feklyunina, 2009, p. 15). Por fim, no que tange à autoimagem internacional, é importante ressaltar que um país pode projetar várias autoimagens internacionais independentes, ou que façam parte da chamada meta autoimagem. Rikard Bengtsson e Ole Elgström (2011, p. 113. Apud. Vânia Carvalho Pinto, 2013) definem meta autoimagem como “an overarching ‘umbrella’ from which other dimensions (...) emerge”.

---

<sup>9</sup> Destacam-se alguns estudos de casos tais como: *The many facets of a role model: a study of the UAE's engagement in regional politics* (2013) e *From follower to a role model: studying the transformation to the UAE's international self image* (2012) de Vânia Carvalho Pinto; *Russia's International Images and its Energy Policy. An Unreliable Supplier?* (2012) de Valentina Feklyunina; *China's Self-Image and Strategic Intentions: National Confidence and Political Insecurity* (1999) de Fel-Ling Wang; e *The puzzle of Arctic cooperation: the role of selfimage and social culture in Arctic cooperation* (2012) de Malin Frisk.

<sup>10</sup> Para efeitos de análise, este trabalho considera o conceito de identidade como semelhante à autoimagem.

<sup>11</sup> Para efeitos de análise, este trabalho considera o conceito de imagem nacional como semelhante à autoimagem.

Conclui-se, então, que a autoimagem internacional pode ser percebida como uma forma de projeção internacional do ator racional. Ao projetar autoimagens, pode-se afirmar que um Estado está a utilizar do *soft power*, uma vez que faz uso da atração para influenciar as percepções de terceiros sobre ele mesmo. Ao melhorar as percepções dos atores sobre si, o ator está em busca de prestígio. E, por fim, pode-se afirmar que todo este processo se dá em busca de poder no cenário internacional. Para melhor compreensão do pensamento, será apresentado abaixo, na figura 1, um esquema explicando este processo.

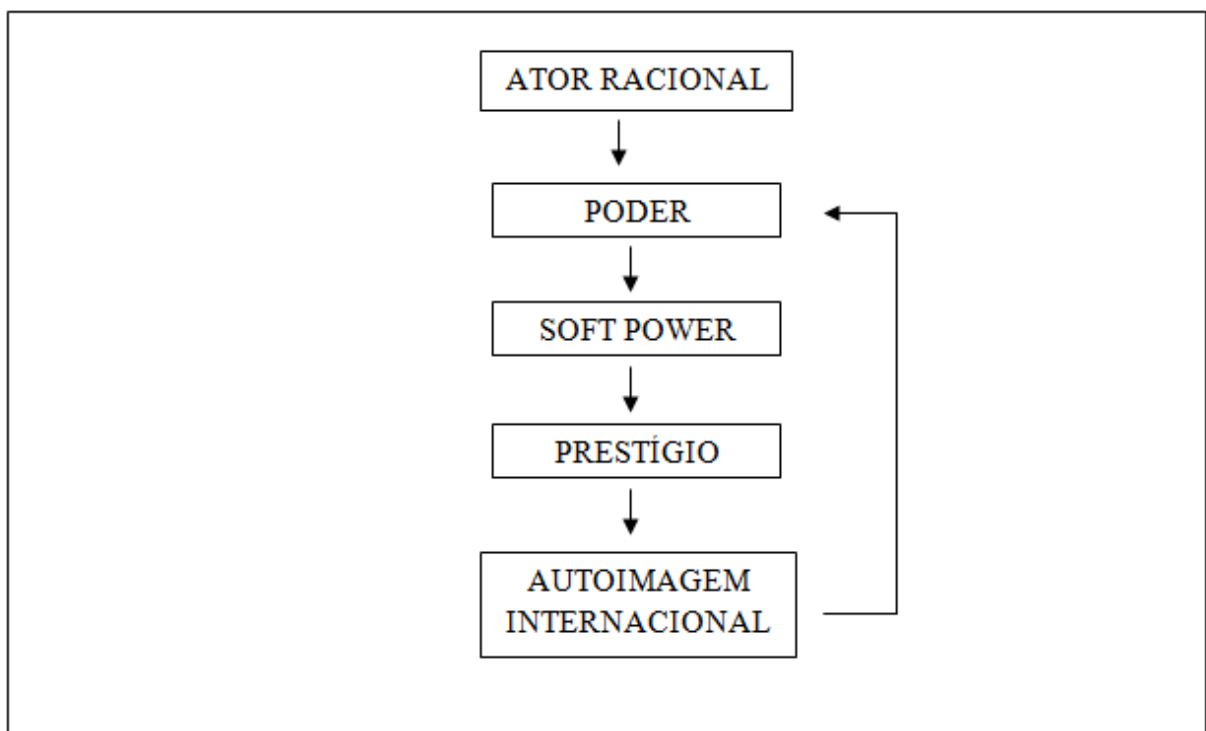


Figura 1. Modelo explicativo do marco teórico.

Tendo como base esta apresentação teórica, o próximo capítulo dedicar-se-á ao estudo de caso de como o Qatar utilizou das autoimagens internacionais com o intuito de formular sua candidatura à Copa do Mundo FIFA 2022.

## 2. AS AUTOIMAGENS INTERNACIONAIS PROJETADAS PELA CANDIDATURA QATARI À COPA DO MUNDO FIFA 2022.

Para alcançar o protagonismo regional e o reconhecimento internacional que detém atualmente, o Qatar passou por um longo processo de mudanças na política doméstica e externa. Localizado no Golfo Pérsico, o pequeno país de 11.437 km<sup>2</sup> e com uma população de quase 1,7 milhão de habitantes foi colônia portuguesa durante o século XVI e parte do Império Otomano até o fim da Primeira Guerra Mundial<sup>12</sup>. Após o término do conflito, o país se tornou possessão britânica, ato que foi feito em comum acordo com o líder qatari, Sheikh Abdullah al-Thani<sup>13</sup>. Se tornando um protetorado da coroa britânica, o governante, então, tinha garantia da manutenção do seu poder em caso de conflitos com beduínos ou populações vizinhas. Com a abdicação do poder pelo Sheikh Abdullah al-Thani em favor de seu filho e o anúncio britânico que o país deixaria de ser considerado um protetorado em 1971, o governo se viu obrigado a celebrar tratados de paz com seus vizinhos, Bahrein e Trucial Oman<sup>14</sup>, de modo a garantir sua sobrevivência política no contexto regional<sup>15</sup>. Até os anos 80, o Qatar era um dos países mais pobres e com pouca relevância política e econômica em seu contexto regional (Peterson, 2013, p. 1). A descoberta do petróleo, porém, acelerou o crescimento econômico nacional, aumentando, assim, a importância do país na região do Golfo Pérsico. Desde então, o Qatar tem sido um ator ativo no processo político do Oriente Médio<sup>16</sup>. O país, por exemplo, foi um ator de relevância para a Guerra do Golfo. Durante o conflito, o Qatar serviu como ponto de partida para as tropas canadenses, egípcias e francesas para a libertação do Kuwait<sup>17</sup>.

O golpe de estado de 1995, em que o Sheikh Hamad bin Khalifa al-Thani derrubou o seu pai, contribuiu diretamente para a mudança na condução da política doméstica e na formulação de política externa qatari (Tristam, 2010). O país começou a atuar internacionalmente de forma multilateral, com o intuito de ampliar a

---

<sup>12</sup> Heritage Qatar. *History of Qatar*. Disponível em: < <http://www.heritageofqatar.org/history/>> Acesso em: 07 de agosto de 2013.

<sup>13</sup> Idem.

<sup>14</sup> Trucial Oman atualmente são os Emirados Árabes Unidos.

<sup>15</sup> Heritage Qatar. *History of Qatar*. Disponível em: < <http://www.heritageofqatar.org/history/>> Acesso em: 07 de agosto de 2013.

<sup>16</sup> Idem.

<sup>17</sup> Idem.

sua atuação além de seu contexto regional (Al Qassemi, 2013). No que tange à política externa, o novo governo decidiu colocar o país no mapa por meio de ações como: investimento em energia sustentável; transformar a capital Doha em uma cidade de prestígio internacional, tal como Dubai; e investir em áreas estratégicas, tais como na educação, na cultura, na criação da Qatar Airways e na criação da rede de televisão Al Jazeera (Pierini, 2013). No que tange à economia, os tomadores de decisão da política qatari perceberam que além de liberalizar a economia nacional para atrair investimento estrangeiro, o país poderia aumentar seu prestígio e influência no cenário internacional, como por exemplo, ao investir na Europa, por meio de patrocínios aos grandes clubes do futebol europeu (Beaumont, 2012). No seu contexto político regional, o governo qatari se apresentou mais ativo do que nos anos anteriores, como por exemplo, ao abrigar uma base da força aérea norte-americana. Ao mesmo tempo, o país atua coordenadamente na extração de jazidas de petróleo juntamente o Irã, que é inimigo americano (Pierini, 2013). Por fim, o governo qatari percebeu que, além dessas áreas, o país poderia ganhar mais prestígio no cenário internacional se comesse a sediar eventos esportivos. A opção por apresentar a candidatura qatari à Copa do Mundo FIFA 2022 foi mais uma das formas que o país encontrou para colocar o pequeno Estado no mapa. A seguir, analisar-se-ão quais foram as autoimagens projetadas na candidatura ao evento e quais foram os seus componentes. Como será percebido, as autoimagens são um reflexo da atuação internacional do país desde que o Sheikh Hamad bin Al-Khalifa assumiu o poder em 1995.

Este trabalho sugere que o Qatar projetou quatro grandes autoimagens internacionais: a) Defensor da Autoafirmação Árabe, b) Destaque Regional c) Potência Verde e d) Baluarte do Esporte. Importante ressaltar que as autoimagens estão interligadas dialeticamente, tanto que é difícil definir limites e fronteiras entre elas. Será percebido que as autoimagens têm componentes em comum, e, por conta disso, será possível encontrar um mesmo componente em duas autoimagens internacionais distintas. E este trabalho sugere, por último, que estas autoimagens, conjuntamente, fazem parte da meta autoimagem internacional da Meca dos Esportes.

## 2.1. DEFENSOR DA AUTOAFIRMAÇÃO ÁRABE

O Qatar projetou a sua candidatura como uma proposta árabe. De fato, no site oficial da FIFA, a apresentação oficial da proposta destacava que “by taking place in Qatar, the World Cup will for the first time come to a region brimming with sporting potential and passion. More than 435 million Middle Easterners will be waiting for the Game in 2022.”<sup>18</sup>. Este estudo identifica que o país assumiu então o papel de um Defensor da Autoafirmação Árabe. Esta autoimagem internacional baseia-se em dois modelos apresentados por Kalevi Holsti (1970). O primeiro se refere ao modelo de defensor da fé (Idem, p. 64). Um governo age como defensor da fé, na visão deste autor, quando usa sua política externa como forma de defender alguns valores de ataques. Já o segundo modelo é referente ao modelo do bastião da revolução libertadora. Este modelo é identificado quando um ator anuncia que tem o direito de organizar ou liderar vários tipos de movimentos revolucionários. Sendo assim, o Defensor da Autoafirmação Árabe é percebido, neste estudo, como um ator que representará o mundo árabe, com o intuito de defender os interesses deste grupo perante a cena internacional.

A candidatura qatari por muitos momentos foi descrita pelos tomadores de decisão qataris como uma proposta que representava o Oriente Médio, e não apenas o Qatar. Ainda que Alan Bairner (2006, p. 79) mencione que a concepção de país ou nação desapareça no momento da realização de um evento esportivo internacional por conta de sua proposta universalista e multicultural, pode-se afirmar, que de fato, a candidatura qatari investiu na apresentação de uma candidatura do mundo árabe. Tal proposta foi bem aceita pelo contexto regional ao qual o país se propôs a representar, seja na esfera governamental ou na civil. Destacam-se o forte apoio advindo de parceiros regionais, sobretudo de empresários e membros do governo saudita, jornalistas do Kuwait, além da mídia árabe em geral (Halime, 2010). Percebe-se então que o *soft power* utilizado pelo governo qatari, ressaltando os laços culturais da região, com o intuito de atrair apoiadores a sua candidatura, foi bem sucedido.

Esta atuação do país, todavia, não foi inédita. A formulação da política externa qatari se baseia de fato nessa identificação do país como parte do mundo árabe, ainda que o país tenha uma proposta multilateral na formulação de sua agenda

---

<sup>18</sup> FIFA. *Candidatura qatari à Copa do Mundo FIFA 2022*. Disponível em: <<http://en.fifa.com/worldcup/qatar2022/bidders/qatar.html>> Acesso em: 28 de março de 2013



internacional, atuando conjuntamente com os mais diversos atores. A Constituição nacional do país, formulada em 2002, em seu primeiro artigo, menciona que o povo qatari é parte da *Ummah*<sup>19</sup> (Qatar, 2002). As relações internacionais do Qatar com países árabes são sólidas, uma vez que a atuação do país em sua região tem se mostrado ativa nos últimos anos, sendo participante da Liga Árabe e do Conselho de Cooperação do Golfo (Akhmetov, 2012). De fato, a política externa qatari está de acordo com os conceitos do Pan Arabismo, que defende a união dos povos de ancestralidade árabe (Sela, 2002, p. 45). O país em sua atuação externa chama para si não apenas a responsabilidade de ser um ator ativo, mas, sobretudo, um pacificador regional, com plenos direitos e poderes de ser o interlocutor da região com o ocidente e com o Irã. Em 2006, por exemplo, quando o Qatar sediou os Jogos da Ásia, o governo qatari convidou o então presidente iraniano Mahmoud Ahmadinejad para participar da abertura do evento representando o seu país, tal como outros chefes de Estado fariam (Al Gergawi, 2013, p. 4). O convite foi justificado com o intuito de projetar a imagem de um país neutro em sua região, que busca abrandar a crise regional, em um momento de júbilo esportivo, além de propor um encontro amigável entre os países islâmicos que estariam ali presente (Idem). O governo iraniano, porém, decidiu não participar do evento, alegando que o Qatar não é neutro por conta de seu relacionamento cooperativo com os Estados Unidos (Idem). Esta atuação qatari, durante a realização dos Jogos da Ásia, pode ser percebida com o intuito de ganhar prestígio perante o cenário internacional ao projetar a imagem de um país que busca encontrar meios pacíficos para superar as disputas regionais. Além disso, o governo tentou, por meio do *soft power*, se apresentar como mediador dos problemas regionais, porém, tal iniciativa não deu certo. Ainda assim, a questão da paz na região como um objetivo qatari foi destacada durante a candidatura à Copa do Mundo FIFA 2022.

O ineditismo do evento na região, somado à paixão que os árabes têm pelo futebol, se uniu à vontade de mudar a imagem do Oriente Médio na concepção mundial, e principalmente, ocidental<sup>20</sup>. Ao se afirmar que “fans from around the world would experience the magic of traditional Arab hospitality and leave Qatar with a new

---

<sup>19</sup> Mundo árabe.

<sup>20</sup> Candidatura qatari à Copa do Mundo FIFA 2022. FIFA *website*. Disponível em: <<http://en.fifa.com/worldcup/qatar2022/bidders/qatar.html>> Acesso em: 28 de março de 2013

understanding of the Middle East<sup>21</sup>”, o Qatar visa demonstrar que o país tem a capacidade de organizar um evento de grande porte, mudando assim, a imagem estereotipada da região e dos árabes como um todo. A candidatura qatari ressaltou em vários momentos que todos os povos seriam bem recebidos em seu país, uma vez que o povo árabe é bastante hospitaleiro e alegre<sup>22</sup>. Por meio desta ação, mais uma vez percebe-se a projeção da autoimagem de Defensor da Autoafirmação Árabe, tendo em vista o esforço qatari em imprimir uma nova imagem da região perante a comunidade internacional. Por meio disso, o país não apenas muda o prestígio nacional, mas também, projeta ao cenário internacional novas visões da região, que não as estereotipadas.

De fato, o ineditismo, a oportunidade de levar o evento ao Oriente Médio e de projetar uma nova imagem dessa região no mundo foram pontos bastante ressaltados na candidatura, com o intuito de convencer a FIFA a conceder ao Qatar o direito de sediar o evento de 2022. Todavia, após a escolha do país como sede, percebeu-se na mídia internacional, sobretudo norte-americana e europeia, a desconfiança sobre alguns pontos sensíveis à política doméstica e externa qatari: como o Qatar reagiria caso a seleção israelense se classificasse para o evento, como o país receberia estrangeiros homossexuais e como o país discutiria a liberação do consumo de bebidas alcóolicas.

Ao se afirmar como Defensor da Autoafirmação Árabe o Qatar chama para si o dever de liderar um grupo de países, no caso os árabes e islâmicos. Quando se analisa os modelos que Holsti (1970) apresenta, percebe-se que os modelos do bastião da revolução libertadora e o de defensor da fé mencionam a necessidade de que o ator respeite as morais e ideologias dos que estão sendo representados. Com isso, é necessário que este país siga uma ética baseada em valores para garantir suporte ideológico por parte dos outros países, evitando-se assim, possíveis questionamentos.

Sabendo-se que o Qatar faz parte e é um dos principais atores da Liga Árabe, e este grupo se posiciona contra o reconhecimento do Estado de Israel, a sociedade esportiva internacional temeu que possíveis retaliações qataris fossem feitas contra torcedores e até mesmo a seleção israelita, de modo a ganhar apoio de seus aliados árabes. Ainda que o campo esportivo tente ser mantido como neutro em casos

---

<sup>21</sup> Idem.

<sup>22</sup> Idem.

políticos, nota-se que a rivalidade política entre israelenses e árabes faz-se presente até mesmo no futebol. Para exemplificar, ao se pesquisar os registros das partidas oficiais da Seleção Israelense de Futebol, percebe-se que, desde sua fundação em 1929, nunca foi realizado um jogo oficial contra um país parte da Liga Árabe<sup>23</sup>. Além do fato de não existirem registros de partidas oficiais contra seleções árabes, a Seleção Israelense de Futebol curiosamente não faz parte da Confederação Asiática de Futebol (AFC), e sim da União das Federações Europeias de Futebol (UEFA). Até 1974, tanto a seleção nacional quanto os times israelenses participavam de competições da AFC, porém, por conta do boicote dos países árabes, a Associação de Futebol Israelita foi expulsa<sup>24</sup>. Com isso, a Seleção Israelense de Futebol passou quase duas décadas competindo pela Confederação da Oceania de Futebol (OFC), enquanto tentava se transferir para o domínio da UEFA, o que se concretizou em 1994. Desde então, o país, apesar de estar localizado no Oriente Médio, compete em eventos oficiais da Europa e até mesmo os amistosos oficiais são contra seleções deste continente. Diante disso, a sociedade esportiva internacional temeu que tal represália continuasse a ser mantida, seja por parte da própria sede da Copa do Mundo FIFA 2022 ou das seleções árabes que participassem do torneio, boicotando jogar contra a seleção de Israel. Cabe mencionar que cidadãos israelenses não podem entrar no Qatar<sup>25</sup>, assim como pessoas que tem visto israelense, independentemente da nacionalidade, têm encontrado dificuldades em visitar aquele país. Todavia, quando foi questionado acerca dessa polêmica, o diretor-executivo da candidatura do Qatar para a Copa do Mundo FIFA 2022, Hassan Abdulla al Thawadi, apenas disse que o país receberia bem todas as nações participantes, assim como os turistas (Walid, 2009).

No que tange à recepção aos turistas, também foi questionado pela imprensa internacional como o país se portaria diante de torcedores homossexuais estrangeiros, tendo em vista a legislação homofóbica existente nos países islâmicos. Grupos defensores dos direitos dos Gays, Lésbicas e Simpatizantes polemizaram acerca da escolha do Qatar como sede da Copa do Mundo FIFA 2022. Estes alegaram que a escolha do país foi um ato errôneo, visto a condição dos

---

<sup>23</sup> Disponível em: <<http://pt.fifa.com/associations/association=ISR/fixturesresults/gender=m/index.html#>> Acesso em: 28 de março de 2013

<sup>24</sup> Disponível em: <http://eng.football.org.il/Association/AboutAssociation/Pages/default.aspx> Acesso em: 23 de março de 2013

<sup>25</sup> Disponível em: <<http://www.qatarliving.com/node/84839>> Acesso em: 23 de maio de 2013.

homossexuais no Qatar. Ed Connel, porta voz da Gay Football Supporters Network, ao saber da escolha do Qatar, declarou que era desapontador ver a FIFA dar o direito de sediar a Copa do Mundo FIFA 2022 a um país em que a homossexualidade é ilegal e pessoas podem ser presas por conta desse fator (James, 2010). Além disso, questionou a luta da FIFA contra a homofobia, ao mesmo tempo em que concede a um país com legislação homofóbica o direito de sediar um evento de grande porte. De fato, a homossexualidade não é tolerada no ordenamento jurídico qatari. O artigo 296 do Código Penal Qatari estipula prisão de um a cinco anos e reclusão em casos de sodomia, principalmente entre pessoas do mesmo sexo. A publicação do Human Rights Report (2011) pelo governo norte-americano demonstra a condição dos homossexuais no país. Segundo o documento, não existem grupos GLS legalizados no país, o que impede o acesso aos números de denúncias de casos de homofobia. Todavia, são conhecidos casos da prática homofóbica, seja no âmbito privado ou no público.

Por fim, no que tange ao respeito às normas e à ideologia dos países que estão sendo representados, foi questionado como o país reagiria com o consumo de bebidas alcoólicas, tendo em vista a proibição religiosa do consumo destas, e a adoção da Sharia como código de leis nacional. Fogarty (2010) mostra que a preocupação entre a FIFA e seus parceiros oficiais é acerca de uma possível proibição por parte do governo do consumo de bebidas alcoólicas, até mesmo para os estrangeiros. Além disso, teme-se que seja vetada o consumo em qualquer evento referente à Copa do Mundo FIFA, seja nas FanFests<sup>26</sup> espalhadas pelas cidades sedes, ou até mesmo em comemorações privadas. Existem sérias restrições do governo quanto ao consumo de álcool. Por exemplo, é proibido o consumo e a venda do produto em locais públicos, sendo passível de multa, prisão e deportação (Anglo Info Qatar, 2012). O governo do Qatar até autoriza o consumo deste tipo de bebida, porém, este só é possibilitado com uma autorização prévia do governo. O consumo só é permitido em bares e hotéis (I Love Qatar, 2011).

De fato, é polêmica a questão de assumir o papel de Defensor da Autoafirmação Árabe. Ainda que o Qatar tenha uma atuação política mais flexível do que seus vizinhos quanto a Israel, teme-se o quanto o país fará para continuar seguindo a

---

<sup>26</sup> FanFests são eventos que a FIFA realizam durante a Copa do Mundo FIFA em locais públicos das cidades sedes do evento. São transmitidos jogos, além de ofertar uma agenda cultural com apresentações artísticas e shows.

ideologia de seus aliados de modo a legitimar o papel de Defensor da Autoafirmação Árabe. Ainda que esta autoimagem necessite de apoio dos demais países de modo a garantir legitimidade, faz-se importante mencionar que no campo diplomático, o Qatar é um dos poucos países da região do Oriente Médio que tem um relacionamento não agressivo com Israel. A independência da política externa qatari acena para uma atuação mais branda por parte do governo do Qatar caso a seleção de Israel se classifique. Como apresentam Cooper e Momani (2011), o Qatar tem desempenhado um papel único na diplomacia do Oriente Médio como promotor da paz e moderador regional, equilibrando um apelo das causas árabes, ao mesmo tempo em que estende uma mão a Israel, mostrando-se, assim, aberto ao diálogo e funcionando como uma ponte<sup>27</sup> entre os dois lados. Como afirma Uzi Rabi (2009, p. 446):

While it may appear as though Qatar's relations with Israel constitute an undesirable source of contention between Qatar and its neighbours, Qatari foreign policy is formulated in a manner that not only anticipates an indignant Arab reaction, but also to a certain degree invites it. Maintaining relations with Israel has enabled Qatar to assert its independence in the Arab arena, and compete as a regional actor with not inconsiderable clout.

Holsti (1970, p. 271) chega a mencionar que os países árabes assumem em geral uma imagem de antissionistas, porém, percebe-se que esta ideia não é compartilhada entre todos os países. O Qatar, como pode ser visto, tende a não projetar esta autoimagem. Além do mais, para o Qatar realmente se firmar no cenário internacional como um local seguro para a realização de eventos, faz-se importante uma atuação do governo, evitando problemas relacionados à segurança das seleções e dos torcedores. Um possível atentado contra a seleção de Israel ou seus torcedores seria mal interpretado pelo mundo esportivo, retirando-se assim, o prestígio do país foi construído que ao longo dos anos. Quanto à tolerância aos turistas homossexuais e à permissão ao consumo de bebidas alcoólicas, não é possível fazer previsões como o país se portará diante de tais polêmicas. Todavia, prevê-se que a pressão aumentará por parte da sociedade civil mundial, além dos patrocinadores oficiais do evento.

Conclui-se, então, que o papel de Defensor da Autoafirmação Árabe projetado pelo Qatar durante a candidatura de fato foi legitimado pelos árabes e seus governos. A multiplicidade de apoios nas várias esferas dos países da região

---

<sup>27</sup> Ponte (bridge) é outro modelo de autoimagem discutido por Holsti (1970, p. 267). De acordo com ele, o país que se projeta como ponte age como elo comunicador entre duas partes que divergem, funcionando então como um “tradutor” ou mensageiro.

comprova tal fato, uma vez a animação e esperança que foram percebidas nos noticiários do Oriente Médio após o anúncio da vitória qatari (Gannon, 2010). Ainda que a legitimidade dos demais países seja de extrema importância para a afirmação desta autoimagem, pode-se prever que o caso de Israel não inspira muita preocupação. A atuação qatari no plano externo já demonstrou um grau de independência que tende a ser firmada ao longo dos tempos. Porém, o mesmo não se pode afirmar quanto ao caso da tolerância aos homossexuais e ao consumo de bebida alcoólica. O Qatar se vê diante, então, de um problema em que ele tem que priorizar o seu próprio interesse ou continuar respeitando as normas e pensamentos dos países da região para continuar com o direito de representá-la. De acordo com a lógica do ator racional, espera-se que o país tentará a satisfação de seus próprios interesses, que neste momento é se tornar sede de eventos esportivos internacionais. Para isso, um país sede de eventos esportivos tem que se demonstrar o mais aberto e universalista possível para atrair atenção e simpatia mundial e assim obter lucros. O ganho de importância do país no cenário mundial por conta da realização da Copa do Mundo FIFA 2022 será utilizado como um alicerce na busca pelo destaque na região. Com o evento sendo um sucesso, o país, enfim, poderá se afirmar como destaque regional. Tal autoimagem também foi projetada durante a candidatura à Copa do Mundo FIFA 2022 e será discutida no subtópico a seguir.

## 2.2. DESTAQUE REGIONAL

O Sheik Jabor bin Yusef bin Jassim al-Thani, membro da família real Qatari afirmou que “[I am sure] the people of the Middle East and other countries will see us as a model, and they can follow us if they think it is useful”<sup>28</sup>. De fato, acadêmicos têm notado que o Qatar vem atuando intensamente em vários campos como forma de se destacar internacionalmente (Anon, 2012 apud. Barakat, 2012, p. 7). A iniciativa de sediar a Copa do Mundo FIFA 2022 é apenas um dos vários componentes dessa inserção internacional qatari. Eles percebem que o país tem se destacado por conta do investimento em grandes áreas, além do *hosting* de eventos

---

<sup>28</sup> Comentário do Sheik Jabor bin Yusef bin Jassim al-Thani quando questionado acerca das políticas qataris no Oriente Médio. Disponível em: <[http://www.nytimes.com/2011/04/04/world/middleeast/04qatar.html?\\_r=0](http://www.nytimes.com/2011/04/04/world/middleeast/04qatar.html?_r=0)> Acesso em: 13 de julho de 2013.

esportivos. Dentre estas áreas, se destacam a educação e a cultura (Barakat, 2012; Peterson, 2006), o turismo (Barakat, 2012), os meios de comunicação (Idem), além do campo político no âmbito internacional, e do campo econômico (Peterson, 2006). Estes componentes fizeram parte da autoimagem do destaque regional, que foi amplamente projetada na candidatura do país ao evento, e é compreendido neste artigo como protagonismo do país em certos campos.

Este protagonismo é produto de uma série de ações por parte do governo, como forma de fortalecer a proeminência do país perante seus vizinhos. O governo, então, utiliza do *soft power* em algumas áreas com o intuito de se fazer presente na região, ao mesmo tempo em que ganha prestígio, e, por consequência, se afirma regionalmente como ator importante, aumentando o seu poder. Esta autoimagem não deve ser confundida com a autoimagem do exemplo a ser seguido que Holsti (1970, p. 268) apresenta. Ainda que o exemplo a ser seguido seja caracterizado pela promoção do prestígio e da busca por influência no sistema internacional, ele é baseado em ações políticas domésticas, não utilizando, então, de ações externas incisivas, como por exemplo, diálogos diplomáticos. Já a autoimagem do destaque regional utiliza de ações conjuntas, privilegiando parcerias que possibilitem a concretização de seus objetivos. A autoimagem do destaque regional tampouco pode ser compreendida como semelhante ao modelo do líder regional proposto por Holsti (1970). Na vista deste autor, o líder regional tem direitos ou responsabilidades especiais em relação aos outros países (Idem, p. 261). Já a autoimagem do destaque regional é percebida em casos em que este tem certeza do alcance de sua capacidade.

Para melhor compreensão desta autoimagem, os vários componentes que a constituem serão explicitados abaixo. A divisão destes em categorias se deu por conta do país estar agindo simultaneamente em vários campos de modo a obter destaque regional. Ainda que todas as autoimagens projetadas pelo Qatar durante a candidatura ao evento tenham em sua essência a questão do destaque na sua região, a escolha pelos subtópicos a seguir como componentes da autoimagem do destaque regional se justifica pela utilização de cooperação internacional com o intuito de dar suporte à concretização de objetivos nacionais.

### 2.2.1. Educação e Cultura

O governo qatari, corriqueiramente, ressalta que o país tem se esforçado para investir na educação e na cultura. O Sheikh Hamad bin Khalifa al-Thani defendeu que "comprehensive development can only be achieved through serious investment in suitable education and culture that meets the needs of the times"<sup>29</sup>. E de fato, o governo tem desenvolvido meios para promoção da educação e da cultura no país. O Qatar Foundation For Education, Science and Community Development<sup>30</sup> tem tido um papel de relevo na execução de políticas governamentais nestas áreas. Um dos principais objetivos desta fundação é transformar a capital, Doha, num local de destaque na região, ao sediar encontros acadêmicos e centros culturais renomados (Barakat, 2012, p. 7). Além disso, altos investimentos do governo em pesquisa estão trazendo bons resultados às universidades qataris, que constantemente são bem avaliadas em ranking internacionais especializados (Coughlan, 2012). O governo prevê que a concretização desta condição de protagonismo será alcançada quando a cidade enfim concluir a construção da bilionária Education City, que terá várias instituições acadêmicas de prestígio internacional sediadas no local (Seminara, 2012). Com isso, segundo os planos governamentais, o país se tornará referência regional na busca por educação de qualidade, aumentando assim o prestígio do país em seu contexto regional. O objetivo do governo não é apenas oferecer uma oportunidade de educação internacional, mas também a formação da sociedade capacitada no longo prazo. Na visão de Abdulla bin Ali Al-Thani, membro da família real e coordenador do projeto, os investimentos em educação têm como objetivo formar uma sociedade mais preparada que possa atuar em várias áreas quando o petróleo acabar (Coughlan, 2012). No campo cultural, altos investimentos também estão sendo feitos, como a realização de exposições com obras internacionalmente famosas (Yaqoob, 2012), além da construção de museus. Estes têm como objetivo refletir a nova era de prosperidade qatari e o seu protagonismo no Golfo Árabe além de apresentar o país ao mundo (Qatar Museums Authority, n.d , apud Barakat, 2012, p. 7).

O turismo se torna uma consequência destes investimentos em educação e cultura. Considerando os esforços do país em sediar eventos esportivos

---

<sup>29</sup> Discurso do Sheikh Hamad bin Khalifa al-Thani durante a comemoração do Dia da Excelência na Educação. Disponível em: < <http://www.sec.gov.qa/En/Media/News/Documents/Minstersp03032013E.pdf> > Acesso em: 12 de julho de 2013.

<sup>30</sup> Fundação Qatari para Educação, Ciência e Desenvolvimento Comunitário.



internacionais, além de eventos acadêmicos e reuniões políticas de relevância internacional<sup>31</sup>, o Qatar definitivamente tem o objetivo de transformar o país num destino internacional. Além do foco nos turistas do mundo ocidental, que visitam o país por conta de suas particularidades e modernidade, o governo tem tentado atrair visitantes do leste asiático (Maierbrugger, 2013). Uma destas atitudes é a promoção da imagem do país no exterior como destino turístico, os altos investimentos em infraestrutura aeroportuária, além da expansão do alcance da Qatar Airways (Barakat, 2013, p. 8). Esta empresa estatal tem ampliado seus voos, de modo que conexões diretas com o país sejam estabelecidas. Com isso, espera-se aumentar não apenas o número de turistas no Qatar, mas, também, de viajantes com escala no país, transformando a cidade de Doha num *hub*<sup>32</sup> (Qatar Tourism Authority, 2009). O clima do país, porém, pode surgir como obstáculo na busca de se firmar como destino turístico mundial.

A escolha de um país em que as temperaturas chegam a 50°C no verão, época que o evento ocorrerá no país, chamou a atenção da mídia internacional, assim, como de federações de futebol de vários países, sobretudo europeia (Wilson, 2010). As críticas foram fundamentadas sobre como será difícil para os atletas e turistas suportar as altas temperaturas do país, seja dentro ou fora de campo. O governo do Qatar anunciou à época da eleição do país sede da Copa do Mundo FIFA 2022, que todos os estádios seriam climatizados e teriam temperaturas amenas, oferecendo assim, condições favoráveis aos atletas e aos torcedores (Wilson, 2010). Porém, tal oferta não foi considerada como boa o bastante. Cogitou-se ainda a possibilidade do campeonato mundial de futebol ser transferido para janeiro e fevereiro, no lugar do tradicional junho e julho. Todavia, tal ideia não foi vista com bons olhos pela UEFA e pelo Comitê Olímpico Internacional, visto que os campeonatos nacionais europeus e as Olimpíadas de Inverno acontecem nesse período do ano (Hattam, 2013). O presidente da UEFA, Michel Platini, todavia, quando questionado sobre sua opinião quanto ao tema, foi um dos defensores dessa mudança geral no calendário, com o objetivo de ofertar melhores condições climáticas para o evento (Rice, 2013).

---

<sup>31</sup> Dos grandes eventos da diplomacia mundial que aconteceram no Qatar nos últimos anos, se destacam: Encontro Regional do Oriente Médio e Norte da África, com participação de representação israelense, em 1997; Rodada Doha da OMC em 2001; Conferência Islâmica em 2003; Segunda Cúpula do G77 em 2005; e Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas em 2012 (Peterson, 2013, p. 2).

<sup>32</sup> Designação dada aos aeroportos que são os principais centros de operação de voos comerciais.

O governo do Qatar, diante de todo o barulho produzido pela imprensa e pelas federações esportivas, anunciou que o evento efetivamente ocorreria no verão (Today, 2013). O secretário geral do Comitê Organizador da Copa do Mundo FIFA 2022, Hassan al-Thawadi, anunciou que o governo tem toda a capacidade de oferecer um ambiente agradável aos jogadores e aos fãs do torneio, visto a capacidade tecnológica e financeira do país. Uma mudança no calendário só ocorreria de fato, se fosse vontade expressa pelas federações esportivas mundiais (Boston Herald, 2013).

Por fim, os meios de comunicação também destacam o Qatar no seu contexto regional. O país é sede de uma das principais emissoras televisivas do Oriente Médio, a Al Jazeera, que tem amplo alcance também na internet. A criação da emissora pelo governo teve como objetivo projetar a imagem de um Qatar em progresso tanto para o Oriente Médio como para a comunidade internacional, contribuindo, assim, para a sua política de diminuição de barreiras que separam o ocidente do mundo árabe (Bahry, 2010). Ainda que a emissora tenha perdido um pouco da confiabilidade da comunidade internacional por conta da falta de liberdade ao transmitir notícias acerca da Primavera Árabe (Chatriwala, 2011), a estatal ainda mantém destaque e prestígio na imprensa internacional. E a Primavera Árabe foi um dos meios que o Qatar encontrou para se destacar em seu meio por meio da política. Este exemplo será explicado na próxima sessão.

### 2.2.2. Política

No campo político, o Qatar tem ganhado destaque nos últimos anos ao buscar participar ativamente de momentos cruciais das relações internacionais. Sultan Barakat (2012, p. 1) apresenta que o país tem conseguido ganhar cada vez mais importância no cenário internacional ao utilizar do *soft power* em ações como: assumir o papel de mediador em disputas políticas, ao se manter estrategicamente imparcial e ao incentivar que partes antagônicas aceitem discutir pacificamente meios de solução de controvérsias. Tal ação, por exemplo, foi percebida anteriormente quando foi discutida a atuação qatari junto a Israel. Todavia, com as revoltas populares que agitam o Oriente Médio desde 2011, o Qatar começou a perceber nas intervenções militares uma forma de se destacar em seu contexto

regional (Ulrichsen, 2011, p. 3), fazendo com que o *soft power* adotado, até então, fosse substituído pelo *hard power* em alguns momentos. Tal ação foi justificada pelo Sheikh Jabor bin Yusef bin Jassim al-Thani, membro da família real Qatari, baseado na crença de que “we believe in democracy, we believe in freedom, we believe in dialogue, and we believe in that for the entire region”<sup>33</sup>. Apesar de estar localizado na região, o Qatar não sofreu com a onda de manifestações da Primavera Árabe. Isso pode ser visto como um ponto favorável à atuação internacional do país, visto que, a situação doméstica estando sob controle, era possível ampliar a ação do país em intervenções militares. Se destacaram acerca dessa temática: na Líbia, na Síria e no Bahrein.

O caso da Líbia foi o primeiro na atuação do país no contexto da Primavera Árabe. Segundo Barakat (2012, p. 26), o Qatar apresentou naquele momento uma nova direção de sua política externa, uma vez a opção pelo uso da força por meio da intervenção com o intuito de acabar com o conflito, somado à atuação como *peacemaking*. A atuação até então mais diplomática do país deu lugar à uma atuação mais ativa. Ações como ser o primeiro país da Liga Árabe a reconhecer o novo governo que depôs o ex-ditador Gaddafi, além de prover assistência militar e econômica aos rebeldes na campanha contra o antigo regime exemplificam a nova ação da política externa qatari baseada no *hard power* (Krauss, 2011, p. 13). O Qatar também utilizou deste momento como forma de fortalecer o seu papel como ponte entre o ocidente e o Oriente Médio ao apoiarem a intervenção da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) na Líbia (Roberts, 2011, p. 34). Tal atuação ativa e incisiva do Qatar chamou a atenção de analistas (Ulrichsen, 2011; Hilleary, 2013; Hroub, 2013; Barakat, 2012), que perceberam nela uma busca incessante do governo qatari pelo protagonismo na região como ator político poderoso. O caso da Síria comprovou tal compreensão.

A crise política e humanitária na Síria foi mais um palco de atuação da nova política externa qatari. O governo qatari iniciou o processo por meio da Liga Árabe, na figura do Ministro das Relações Exteriores, Khalid Bin Mohammad Al Attiyah. O ministro qatari conseguiu convencer as lideranças da Liga Árabe acerca da situação problemática e insegura à qual a Síria e toda a região estavam expostas (Barakat,

---

<sup>33</sup> Comentário do Sheik Jabor bin Yusef bin Jassim al-Thani quando questionado acerca das políticas qataris no Oriente Médio. Disponível em: <[http://www.nytimes.com/2011/04/04/world/middleeast/04qatar.html?\\_r=0](http://www.nytimes.com/2011/04/04/world/middleeast/04qatar.html?_r=0)> Acesso em: 13 de julho de 2013.

2012, p. 27). Ele assumiu, então, por meio do uso do *soft power*, o papel de líder no bloco regional, servindo como interlocutor entre o grupo e o governo sírio (Law, 2011, p. 45). Uma vez que sanções internacionais não foram impostas à Síria por conta dos vetos chineses e russos no Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas, a Liga Árabe, então, pôde ganhar mais destaque como interlocutor na busca de resolução dos problemas no país. Com isso, o papel do ministro qatari ganhava cada vez mais importância, uma vez a sua atuação ativa, convencendo o governo sírio a autorizar a entrada de observadores do grupo dentro do país para averiguar a situação (Associated Press, 2012, p. 3). A missão da Liga Árabe, porém, falhou, uma vez que aconteceu uma escalada do uso da violência por parte do regime de Bashar al-Assad. Divergências no grupo impediram a decisão por ação conjunta. O governo do Qatar condenou a falta de interesse dos países árabes em resolver a situação do país e novamente decidiu agir como líder regional. Foi proposto, então, o envio de tropas dos países do grupo para evitar que mais mortes acontecessem, além do pedido de apoio da comunidade internacional para que esta fornecesse armas aos rebeldes (Barakat, 2012, p. 29). Tal proposta, porém, foi refutada. Todavia, especula-se que o governo qatari decidiu agir isoladamente, adotou uma política de *hard power* e enviou dinheiro com o intuito de financiar a compra de armas pelos opositores ao regime de Al-Assad (Chulov, 2012). Tal ação pode ser interpretada como uma forma de atuação independente do Qatar perante a falta de entendimento na Liga Árabe e no Conselho de Segurança da ONU (Barakat, 2012, p. 29), além da busca pelo poder em seu contexto regional. Neste caso da Síria ficou implícita a nova era pela qual a política externa está passando, tendo em vista a atuação de destaque dentro de seu contexto regional, além de atuação isolada quando necessária. Todavia, o governo qatari também tem atuado conjuntamente, dividindo responsabilidades com outros membros, tal como ocorreu no Bahrein.

A Primavera Árabe no Bahrein foi reprimida por tropas do Conselho de Cooperação do Golfo (CCG), que enviou militares com o intuito de garantir a manutenção do poder da família real bahreinita no poder (Colombo, 2012, p. 2). O pedido que foi oficialmente feito pelo governo foi prontamente atendido pelo grupo. O Peninsula Shield Force que chegou ao Bahrein era composto por 1000 soldados sauditas, 500 qataris e 400 emirates (Cloud e Barnejee, 2011). A facilidade com que

o envio de tropas foi feito fez com que o Qatar tivesse uma atuação não tão incisiva, visto a força das tropas. Porém, cabe notar que o fato de estar atuando em mais uma intervenção ressalta a importância que o governo qatari deu a este instrumento como forma de se destacar internacionalmente e ganhar mais prestígio e poder.

De fato, o Qatar, dentro de seu contexto regional, tenta se destacar politicamente. Ainda que soe como contraditório esse tipo de atuação dual, em que ora aplica-se *soft power*, ora aplica-se *hard power*, o contexto regional pode explicar tal opção. O fato da Arábia Saudita ser o país mais forte militar e politicamente na região faz com que o Qatar abandone sua atuação mais diplomática que fora adotada até então (Hilleary, 2013)<sup>34</sup>. A busca pela proeminência na região, tornando-se assim uma força regional com alcance global, definitivamente entrou na agenda política qatari. Ao se destacar como ator de peso político, o país poderá figurar entre os países mais poderosos do mundo, sendo convidado para participar de discussões-chave para o destino das relações internacionais. Mais uma vez, então, o governo qatari está em busca de prestígio com o interesse de se tornar um ator de relevância política internacional. Além do campo político, percebe-se um esforço nacional para incrementar a economia, tornando-a mais competitiva e atrativa ao investimento externo.

### 2.2.3. Economia

O governo qatari atribui à suas reservas naturais e à suas políticas econômicas o motivo do país se destacar internacionalmente. De fato, o Vice Presidente Executivo do Banco Comercial, Abdulla al-Raisi, declarou que “we are blessed with natural resources and have good reserves as well. The government has shaped up the economy quite well”<sup>35</sup>. A capital Doha, por exemplo, é considerada uma cidade de relevância mundial (Barakat, 2012, p. 5). O Qatar é o país com a maior renda per capita do mundo e o terceiro com mais jazidas de petróleo (Kessous, 2011), além de

<sup>34</sup> Cabe mencionar que o Qatar e a Arábia Saudita tiveram problemas no que tange às relações internacionais na década passada. O então príncipe herdeiro, Abdullah bin Abdul Aziz, boicotou em 2000 uma cúpula de países islâmicos no Qatar para protestar contra a presença do escritório comercial israelense em Doha (Al Qassemi, 2011). Em 2002, o governo saudita retirou seu embaixador no Qatar após comentários polêmicos feitos por dissidentes sauditas no canal Al Jazeera (Idem). Além disso, o governo saudita não autorizou a construção de um oleoduto que ligaria o Kuwait ao Qatar sob seu território (Peterson, 2013, p. 2). Todavia, as relações entre os dois países estão normalizadas nos dias atuais.

<sup>35</sup> Discurso do Vice-Presidente Executivo do Banco Comercial qatari sobre a economia nacional. Disponível em: <<http://www.qatarisbooming.com/page/12/?s=Commercialbank>> Acesso em: 14 de julho de 2013.

ter alcançado um crescimento econômico médio de 13% nos últimos anos (NuQudy, 2012). Somado a isso, o país é o maior exportador de gás natural líquido do mundo desde 2006, produzindo um terço da oferta mundial (Barakat, 2012, p. 5). O poder aquisitivo alcança níveis altos por conta da extração de petróleo. Isso proporciona ao país bons níveis econômicos e impulsiona a economia local. As tradicionais áreas do comércio onde o país tem vantagem absoluta agora dividem espaço com novas áreas.

Desde os anos 90 o governo qatari vem agindo para diversificar a economia, fazendo com que ela não dependa apenas dos tradicionais produtos nacionais, visto que são finitos (Idem). Visando isto, investimentos em áreas como o turismo, a indústria do aço e petroquímica foram feitos, além de privatizações de empresas. De fato, o mercado qatari pode ser uma peça chave para o desenvolvimento econômico nacional. De acordo com o *website* Gulf Times (2013), a expansão do comércio doméstico por meio de sua diversificação aumentará e estabilizará os níveis econômicos gradativamente. Considerando o alto poder aquisitivo no local, o governo está atraindo grandes multinacionais com o intuito de estabelecerem filiais e fábricas no país, tal como a Porsche (Barakat, 2012, p. 6).

Foi divulgado durante a candidatura do país à Copa do Mundo FIFA 2022 que os altos custos do mundial serão bancados pelos próprios empresários qataris e pelo governo local. Estes investem cada vez mais no país, nas mais diversas áreas, como foi percebido anteriormente. O fato de estar recebendo o evento em 2022, faz com que economistas esperem que grandes empresas do ramo hoteleiro e de lazer invistam na região, em busca de um mercado consumidor. O grande fluxo esperado de turistas durante a realização do mundial, somado à população local com alto poder aquisitivo, torna o país um paraíso para investimentos internacionais em vários ramos (NuQudy, 2011).

Esse destaque qatari no plano econômico vem sendo perseguido pelo governo e, até então, tem gerado bons resultados para o país. Percebe-se, então, um uso do *soft power* ao oferecer atrativos econômicos para a estabilização de empresas no país. Sabendo que o país sofre a concorrência regional dos Emirados Árabes Unidos e de suas cidades, o Qatar tem que demonstrar que realmente é o mais rentável e seguro para investimentos. O destaque que o país tem conseguido nos últimos anos vem firmando o nome do país no meio econômico. Com a Copa do

Mundo FIFA 2022, o país tenderá a aumentar gradativamente seus lucros (Hamdan, 2011).

Em resumo, percebe-se que de fato o Qatar tem se empenhado para se destacar no seu contexto regional. Ao projetar a autoimagem internacional de destaque por conta dos altos investimentos em educação e cultura, somados a uma atuação política incisiva do país em questões de segurança internacional, além do boom econômico pelo qual o país está passando, sintetizam o interesse qatari em ganhar prestígio internacional, e, por consequência, se destacar no Oriente Médio. Ao utilizar deste fato e se projetar internacionalmente como um protagonista regional em vários campos, o país construiu sua candidatura como sede da Copa do Mundo FIFA 2022.

Ainda que o destaque implique em ser referência em algum quesito, o governo qatari não se projetou como o melhor em todas as autoimagens. Tal ação, porém, não deve ser vista como uma falha do projeto qatari, e sim, uma noção que o país tem dos seus limites e da sua capacidade. Como será visto a seguir, o país demonstrou que se empenha em buscar fontes já testadas no mundo, reproduzindo, então, casos de sucesso.

### 2.3. POTÊNCIA VERDE

A preservação do meio ambiente está presente em todas as esferas políticas, inclusive nas discussões acerca das sedes de eventos esportivos. Por conta disso, é importante que uma candidatura esportiva enfatize a sustentabilidade ambiental das suas propostas. E, de fato, o governo do Qatar utilizou da preservação do meio ambiente como pilar de sua candidatura à Copa do Mundo FIFA 2022. O Secretário para o Desenvolvimento qatari afirmou que "we are ensuring, inter alia, effective environmental policies and regulations, the application of best available technology, the development of strong environmental institutions, and advocacy campaigns for behavioural change"<sup>36</sup>. O país garantiu à FIFA que seriam respeitados os padrões sustentáveis nas construções, fossem elas desportivas ou de infraestrutura urbana

---

<sup>36</sup> Discurso proferido pelo Secretário para o Desenvolvimento qatari acerca das políticas sustentáveis que o país está adotando. Disponível em: <<http://dohapress.com/portal/index.php/57-all-local-news/18456-qatar-committed-to-goal-of-sustainable-development>> Acesso em: 13 de julho de 2013.

(Al-Shawaf, 2013). Ao apresentar a sua candidatura utilizando um discurso que apresentava o país como *eco friendly*, dotado de tecnologia capaz de construir e manter estruturas com taxas baixas de produção de gases poluentes (Idem), o Qatar projetou a autoimagem internacional de uma Potência Verde.

O conceito de Potência Verde apresentado neste trabalho refere-se às ações de um país no que tange à tecnologia e execução de políticas sustentáveis. Além disso, uma Potência Verde é percebida como um ator dotado de capacidades de planejamento e operação de técnicas que contribuam para a preservação do meio ambiente. Importante notar que esta atitude de adotar métodos sustentáveis na economia é um ato já explorado por vários países do mundo, inclusive, é um dos valores que compõem o *standard of civilization* (Fidler, 2001).

Na candidatura, o Qatar declarou que energias renováveis seriam adotadas, mas, além disso, ressaltou que suas construções esportivas e de infraestrutura urbana respeitariam os códigos internacionais de proteção ao meio ambiente (Gibson, 2012). Destacou, também, as capacidades tecnológicas do país, fruto de investimentos do governo em pesquisas. Tudo isso pode ser visto como um *lobby* da candidatura qatari em busca de prestígio. Tendo em vista que o país necessitava convencer os delegados da FIFA quanto aos benefícios que o evento geraria, percebeu-se, então, que investir num discurso *ecofriendly* com propostas convincentes seria de grande valia e peso na escolha. Considerando a importância da preservação do meio ambiente, o governo qatari agiu racionalmente ao utilizar este ponto com o intuito de fortalecer sua candidatura ao evento.

A candidatura qatari destacou dois grandes pontos nessa área da sustentabilidade: uma organização compacta dos jogos e as construções sustentáveis das arenas esportivas. O primeiro ponto foi enfatizado na candidatura à Copa do Mundo 2022 por conta do tamanho do país. Levando-se em conta que o Qatar é um país pequeno, o tempo de deslocamento entre as cidades sedes do evento seria reduzido. As grandes distâncias que são geralmente percorridas entre as cidades sedes em Copas do Mundo FIFA não ocorrerão no Qatar (Radnedge, 2010). Por exemplo, em menos de uma hora e trinta minutos de carro é possível se deslocar da cidade de Madinat ash Shamal até Al Rayyan, que são algumas das cidades-sedes do evento. Por consequência, a emissão de gases tóxicos também



diminuiria, já que seriam construídas menos estradas, e o fluxo de carros no deslocamento entre as cidades sedes seriam menores (Johnson, 2011).

O segundo ponto no que concerne à sustentabilidade está relacionado com o fato de que o Qatar afirmou que as arenas e todo o aparato esportivo necessário para a realização do evento respeitarão os mais altos níveis de sustentabilidade (Aboyeji, 2011). Além da suntuosidade dos estádios propostos, que primam pelo luxo e arrojo arquitetônico, nota-se que a tecnologia *ecofriendly* destes foi um meio que o governo encontrou para fortalecer a candidatura do país. Os estádios serão construídos com tecnologia de carbono-zero, em que a produção de gases poluentes será evitada (Qatar National Strategy, 2011, p. 10). Além disso, será adotada a captação de energia solar para consumo das arenas, aproveitando-se, assim, da abundância da incidência de raios solares no deserto (Gibson, 2012). Cabe ainda destacar que o país pretende investir não apenas na adoção, mas também na pesquisa por melhores e mais eficientes formas de captar energia solar, de modo que não apenas os estádios sejam contemplados por essa energia, mas também as residências (Lickteig, 2012). De fato, os excedentes dessa energia poderão ser aproveitados pela população, tal como ocorrerá com a energia solar excedente produzida pelo Estádio Nacional de Brasília construído de acordo com normas ambientais para a realização da Copa do Mundo FIFA 2014 (Portal 2014, 2013). Por fim, é importante notar que os estádios qataris, antes mesmo de construídos, já ganharam prêmios por sua proposta *eco friendly* (Zimmer, 2012), garantindo ao país mais prestígio no que tange à sustentabilidade.

Percebe-se, então, que o Qatar de fato impulsionou a autoimagem internacional de ser uma Potência Verde. Apesar de em nenhum momento o país ter alegado de que é o mais *ecofriendly* no mundo, este fez questão de ressaltar os seus esforços e planos sustentáveis como forma de fortalecer a sua candidatura junto à FIFA. Este objetivo, além do prestígio por favorecer essas políticas, parece ter sido de fato alcançado, como a obtenção de prêmios internacionais de sustentabilidade, mencionados atrás, parece indicar. Não foi apenas na área da sustentabilidade que o Qatar se mostrou empenhado, mesmo não sendo o melhor no mundo. Como será notado a seguir, o país está investindo bastante no esporte, com o intuito de profissionalizar seus atletas, que ainda são amadores. Aliado a isso, o país se utiliza

de cooperações esportivas internacionais para promover programas de desenvolvimento esportivo em regiões menos desenvolvidas.

#### 2.4. BALUARTE DOS ESPORTES

Uma das principais contestações levantadas pela mídia internacional e pelas demais federações esportivas quanto a uma possível escolha do Qatar como sede da Copa do Mundo FIFA 2022 foi uma vez a sua falta de tradição do país no cenário esportivo mundial (DeGroot, 2011). O Qatar nunca participou do evento e sua seleção nacional de futebol não tem grandes conquistas. Como forma de convencer a FIFA a escolher o país, o governo apresentou planos que estão sendo executados com o intuito de desenvolver o esporte no Qatar. O presidente do comitê olímpico qatari, Saoud Bin Abdulrahman Al-Thani, afirmou que “the sport plays a major role in Qatar. We have come a long way and achieved much success through our vision, and we are now taking it to the next level” (FORBES CUSTOM, 2009). De fato, a paixão do país pelos esportes ganhou espaço na agenda política governamental com o intuito de profissionalizá-lo e popularizá-lo. Como afirmou o Secretário Geral do Comitê Olímpico Qatari, Sheikh Saoud bin Abdulrahman al-Thani, “we mainly focus on development strategy through sports, as we giving profound concern to economic factors and investment strategies. We designed several projects regarding the investment on sport facilities at our local clubs<sup>37</sup>”. Nota-se, então, uma nova autoimagem internacional projetada, que é a do Baluarte dos Esportes. Esta autoimagem baseia-se em dois modelos propostos por Holsti (1970). O primeiro modelo é o de *internal developer*, que é percebido em atores que direcionam esforços governamentais para o desenvolvimento nacional (Idem, p. 268). E o segundo é o modelo do *developer* (Idem, p. 266), que é identificado como aquele país que declara ter direitos especiais ou obrigações para assistir países menos desenvolvidos. Sendo assim, a autoimagem do Baluarte dos Esportes é compreendida como um ator que direciona sua atuação, seja no plano doméstico ou internacional, com o intuito de desenvolver o esporte. O Qatar no plano nacional atua em duas grandes áreas.

---

<sup>37</sup> Afirmação do Secretário Geral do Comitê Olímpico Qatari, Sheikh Saoud bin Abdurahman al-Thani, na comemoração do Dia Nacional dos Esportes. Disponível em: <<http://www.gulf-times.com/sport/192/details/350985/%E2%80%98sport-plays-a-major-role-in-awareness-boosting%E2%80%99>> Acesso em: 2 de julho de 2013.

O primeiro campo de atuação do governo qatari é percebido, sobretudo, no programa *Aspire*, em que são traçados os objetivos do país no campo esportivo no decorrer dos anos de 2011 a 2016<sup>38</sup>. O *Aspire* planeja investir na construção de vilas olímpicas para treinar crianças e jovens, podendo, assim, capacitá-los para competir em eventos futuros (*Sports Sector Strategy*, 2011, p. 4). Além disso, propõe-se facilitar a prática de esportes considerados mais elitizados por conta dos equipamentos caros e da escassez de campos e quadras de competição, tais como o golf e o tênis (*Idem*, p. 7). Por fim, o *Aspire* pretende popularizar a prática do esporte nas comunidades e na sociedade em geral, sem distinção de idade e condição financeira (*Idem*, p. 15). Com o intuito de fortalecer esse projeto, foi criado um feriado nacional que recebeu o nome de Dia Nacional dos Esportes, e este dia é dedicado à prática esportiva em todo o país. Nesta data, várias competições, palestras e workshops são realizados envolvendo a população em geral (*The Peninsula*, 2013). Nota-se, então, que existe um projeto governamental com o intuito de desenvolver o esporte por meio da popularização deste (*Qatar is booming*, 2011). O *Aspire*, então, pode ser considerado como mais um componente da autoimagem internacional do Baluarte dos Esportes. Ao se investir em novas gerações de atletas, variando os campos de atuação, que não apenas o futebol, e popularizando os esportes na sociedade em geral, o governo qatari tenta resolver um problema interno, que é a falta de seleções profissionais e, por consequência, de fãs. Percebe-se, então, o uso de um recurso que viabiliza o *soft power*, que é a da defesa de valores. Tendo em vista que, para Nye (2004, p. 14), o ator necessita em sua política doméstica investir nos valores que este defende internacionalmente, pode-se afirmar que ao investir internamente nos esportes, o governo qatari deseja fortalecer o seu discurso internacional de desejo de se tornar um *host* de eventos esportivos.

A segunda área diz respeito à contratação de atletas estrangeiros com renome internacional com o intuito de atrair atenção da mídia e dos torcedores, além da experiência destes na área. A seleção qatari de futebol está seguindo o mesmo exemplo de casos que deram certo ao longo da história<sup>39</sup>. Até o início de 2013, o

---

<sup>39</sup> O exemplo mais clássico é o da seleção sul-coreana. Para ter uma seleção competitiva em 2002 quando sediaria a Copa do Mundo FIFA conjuntamente ao Japão, a Federação de Futebol da Coreia do Sul contratou o técnico holandês Guus Hiddink que havia levado a seleção holandesa às semifinais na Copa do Mundo FIFA 1998. No campeonato de 2002, o técnico conseguiu o mesmo feito com a seleção sul-coreana, sendo até então, a melhor campanha nacional nesta competição.

brasileiro Paulo Autuori treinou a seleção nacional do Qatar (Goal, 2013). Além disso, o brasileiro Emerson Sheik e o uruguaio Sebastián Soria foram naturalizados qataris, de modo a fortalecerem a seleção nacional. A experiência destes atletas surge então como um atrativo para a cooperação esportiva internacional, que, como já foi mencionado anteriormente, é de suma importância para o sucesso da atuação do Baluarte dos Esportes. Além disso, melhora o prestígio da seleção nacional, visto que ela se mostrará mais competitiva e bem preparada.

O Qatar, então, se projetou internacionalmente como um Baluarte dos Esportes com o intuito de convencer os delegados da FIFA acerca da capacidade de organização e planejamento de seu governo. Importante ressaltar que o Aspire não foi usado na apresentação da proposta do país, mas sim, foram selecionados os pontos mais importantes deste, que estão relacionados aos investimentos internos para reparar possíveis problemas domésticos na área esportiva. Debater o papel do Aspire se justifica pelo fato deste sintetizar todos os planos de desenvolvimento esportivo nacional. A preocupação do governo qatari com o desenvolvimento, porém, não se limita apenas ao nacional. O Qatar também age como ator em prol do desenvolvimento de países menos desenvolvidos esportivamente. E é nessa atuação que o país mais utiliza do *soft power* com o intuito de se fazer presente internacionalmente, e, por consequência, ganhar mais prestígio e poder.

Ainda que as seleções esportivas qataris não tenham grande destaque no cenário mundial nem títulos consideráveis, o Qatar está atuando internacionalmente com o intuito de desenvolver os esportes em países menos desenvolvidos. Por mais que soe contraditório, o governo do Qatar e as instituições esportivas qataris têm-se empenhado em prol do desenvolvimento das capacidades de atletas estrangeiros, além de prover infraestrutura para a prática esportiva. Esta atuação, além de planos futuros, foi bastante anunciada pela candidatura do Qatar à Copa do Mundo FIFA 2022, projetando-se, assim, o papel de um apoiador do desenvolvimento do esporte mundial. O governo qatari destacou três ações para afirmar a sua autoimagem internacional de baluarte dos esportes.

A primeira diz respeito à possibilidade de que países vizinhos, sobretudo os que fazem parte do Conselho de Cooperação do Golfo, possam receber seleções para preparação pré-campeonato, ou, até mesmo, sediar algumas partidas da Copa do Mundo FIFA 2022. Tal ideia foi inicialmente proposta pela Confederação Asiática de

Futebol (AFC) e pelo presidente da União das Federações Europeias de Futebol (UEFA) como forma de expandir os jogos no Golfo Pérsico (Shane, 2013). Ainda que tal proposta não seja possível uma vez que o contrato estabelecido com a FIFA à época da escolha do país deu o direito apenas ao Qatar de sediar o evento, o governo qatari se mostrou favorável à tal proposta. Caso a proposta de sediar os jogos do campeonato em outros países não seja aceita pela organizadora do evento, o governo qatari declarou que os benefícios da Copa do Mundo FIFA 2022 serão para toda a região, sobretudo os aliados políticos (Mubasher, 2013). Os ganhos econômicos gerados por meio do turismo não se limitarão apenas ao Qatar, uma vez que a proximidade entre os países da região pode fazer com que turistas se desloquem para países próximos (Trenwith, 2013). De fato, o governo qatari estuda políticas com o intuito que os países da região possam conjuntamente ser beneficiados pelo evento (Halime, 2010). A possível realização de jogos, mesmo que não os do campeonato, em países como Omã e Bahrein, por exemplo, poderá atrair atenção para o esporte na região. Quanto a tal ação, faz-se importante mencionar que o país ganhou o direito de sediar sozinho o evento, porém, se mostra aberto para possibilidade de promover o desenvolvimento esportivo regional. Partindo do pressuposto da racionalidade do ator estatal, percebe-se que neste caso o Qatar está em busca de aumentar a sua presença nos países da região. Esse *soft power* utilizando o esporte como meio, fará com que o país acumule não apenas prestígio, mas, por consequência, aumentará o seu poder como ator regional. Sabendo que há o problema da falta de infraestrutura esportiva na região, o governo qatari estabeleceu mais uma meta para desenvolver o esporte nos países vizinhos, e garantir meios de se fazer presente na região.

A segunda ação proposta pelo governo diz respeito à transferência de parte dos estádios utilizados na Copa do Mundo FIFA 2022 para países da região. Tendo em vista que existe uma preocupação internacional com o que fazer com os estádios após a realização de um evento esportivo, o Qatar declarou que construiria estádios com capacidade reduzida, de modo que evitasse assim, a existência de elefantes brancos<sup>40</sup> (Canever, 2012). Além disso, algumas arenas terão partes desmontáveis, que serão utilizadas para construir novos estádios em outros países da Ásia (Ballantyne, 2012, p. 13). Tal proposta inclusive esteve presente na candidatura

---

<sup>40</sup> Termo utilizado para caracterizar instalações esportivas ociosas e que não são rentáveis economicamente.

qatari apresentada ao evento<sup>41</sup>. O legado do evento então, não seria apenas do Qatar, mas, também, da região. Com isso, o Qatar espera que estas construções possam acelerar o desenvolvimento esportivo em países sem infraestrutura esportiva. Somando-se à essas duas propostas, o Qatar ainda tem mais um programa de desenvolvimento do esporte mundial que não se limita à região.

Como parte complementar do *Aspire*, que foi discutido anteriormente, o governo qatari tem se empenhado na descoberta de novos talentos esportivos fora de seu país. O *Football Dreams* atua desde 2005 em áreas menos desenvolvidas, tais como o continente africano, asiático e latinoamericano (Latham, 2010). O objetivo do programa é treinar jovens e crianças e, assim, convidá-las para jogar em times qataris (Astorri, 2013). Ainda que a proposta tenha um objetivo claro de fortalecer o esporte qatari com a presença de estrangeiros, faz-se importante notar um ponto que identifica a atuação do Qatar como apoiador do desenvolvimento do esporte mundial. O país, ao agir assim, declara para a comunidade esportiva que tem a obrigação de desenvolver políticas de suporte às regiões menos favorecidas.

O uso destas políticas na candidatura qatari é apresentado pelos governantes qataris como um triunfo, tendo em vista as capacidades limitadas do país no que se refere à expertise esportiva. Mas, de fato, levando em conta a lógica do ator racional, ao agir assim, o governo projetar-se internacionalmente e divulga seu nome ao redor do mundo como um apoiador do desenvolvimento do esporte mundial (Latham, 2010), garantindo prestígio perante instituições esportivas internacionais, e fortalecendo o caminho para a projeção da meta autoimagem de Meca dos Esportes.

Em suma, percebe-se que as atuações do governo qatari como Baluarte dos Esportes quiseram ressaltar o papel do país enquanto apoiador do esporte mundial. Ainda que o país tenha que profissionalizar seus atletas e garantir bons resultados em competições internacionais, nota-se uma preocupação por parte do governo em reverter esse quadro. Ao se propor a popularizar os esportes, que não apenas o futebol, o governo se engaja em fortalecer seus próprios objetivos, uma vez que público e mercado consumidor são de extrema importância para a realização de eventos. Sua ação então é planejada ao longo prazo: além de formar uma sociedade mais saudável e interessada em praticar esportes, esta sociedade será um mercado

---

<sup>41</sup> Disponível em: < <http://www.fifa.com/worldcup/qatar2022/bidders/qatar.html> > Acesso em: 24 de junho de 2013.

consumidor de eventos que o país sediará. Por fim, ao atuar no plano internacional, o país ajuda a divulgar o nome do país em locais em que possivelmente o Qatar não seja conhecido. Com isso, uma propaganda direta do país é feita, aliada à uma forma de expandir seu poder e influência. Tal fato tende a aumentar o prestígio nacional cada vez mais, fortalecendo assim os planos de se tornar a Meca dos Esportes.

### 3. CONCLUSÕES

Todo o empenho que o governo qatari vem fazendo nos últimos anos para transformar o país em um local propício à realização de eventos esportivos internacionais chegou ao seu auge com a escolha do país como sede da Copa do Mundo FIFA 2022. Ao longo deste estudo, ficou perceptível que as autoimagens projetadas pelo governo qatari foram a base da candidatura do país ao evento. O governo não utilizou apenas do ineditismo de levar o evento a um local que nunca havia sediado um acontecimento de tal porte, como também, aliou este fato a cada autoimagem que o país projetou. Ao apresentar-se como defensor da autoafirmação árabe, o Qatar propôs trazer à mesa de discussões a importância de levar meios de desenvolvimento econômico àquela região. Ainda que o país seja o que mais vai lucrar com o evento, ficou implícito que todo o contexto regional será beneficiado. Não apenas pelo grande fluxo de turismo e capital que são esperados, mas, também, pela apresentação à mídia internacional de uma região, que quando é explorada nos meios de comunicação, ressaltam-se apenas os clichês já conhecidos, como as disputas políticas e ataques terroristas. O Qatar, sendo um país com uma diplomacia mais mediadora, combinada com atual atuação como *peacemaker*, é o representante do Golfo Pérsico que mais se encaixa nos moldes de um verdadeiro representante regional. Sua importância política, por meio das últimas atuações nas intervenções de manutenção de paz na região, e econômica, tendo em vista as altas taxas de crescimento, e seus esforços em transformar o país em um polo cultural e educacional, demonstram a autoimagem de um ator com destaque regional. Essas duas primeiras autoimagens trouxeram consigo a força política do país, apresentando-o como a nação mais adequada para representar a região e sediar a Copa do Mundo FIFA 2022. Porém, sabendo que se necessitava de um plano convincente no que tange à organização do mundial, o governo qatari decidiu, por meio de outras duas autoimagens internacionais, englobar o potencial organizativo do país.

Apesar de não ter alegado que é líder ou referência na área da pesquisa de tecnologias sustentáveis, o governo qatari apresentou um plano de organização compacta dos jogos de modo a convencer a FIFA sobre a rentabilidade de realizar o campeonato no país. A autoimagem da Potência Verde ficou explícita principalmente



na divulgação das tecnologias que seriam utilizadas na construção dos estádios, além dos gastos reduzidos na construção de infraestrutura de transporte. E por fim, ao se apresentar como Baluarte do Esporte, o Qatar decidiu convencer o porquê que merecia sediar a Copa do Mundo FIFA 2022. O amadorismo esportivo qatari que foi alegado pelas candidaturas adversárias foi rebatido pelo governo qatari quando este apresentou todos os planos domésticos e internacionais que são executados com o intuito de auxiliar no desenvolvimento esportivo. A Copa do Mundo FIFA seria, então, a oportunidade final de concretizar esse plano. Nota-se, então, que todas as hipóteses levantadas no início deste estudo foram comprovadas.

Por fim, no que tange aos objetivos e planos de transformar o Qatar na Meca dos esportes e projetar esta meta autoimagem, percebeu-se que o Qatar terá que enfrentar alguns desafios. Os problemas não questionam a capacidade de organização de eventos do país, e sim, são relacionadas às leis do país, que proíbe o consumo de bebida alcoólica e tem visão homofóbica. O Qatar, por ser um país ainda pouco explorado pela mídia internacional, pode chamar a atenção por ser diferente, proporcionando ao evento novos ares e novas experiências, e de fato, isto foi apresentado pelos tomadores de decisão qatari como um dos trunfos da candidatura. Além disso, o país terá uma infraestrutura necessária para a realização de vários eventos. Todavia, questões pontuais como liberação do consumo de álcool, intolerância à homossexualidade e o calor extremo no verão poderão ser pontos desfavoráveis para os planos do país de se estabelecer de vez na rota dos eventos esportivos internacionais.

Cabe ressaltar por último, que apesar da dificuldade de se conseguir material que disserte acerca do papel do esporte nas relações internacionais, faz-se importante que o meio acadêmico, composto, sobretudo, pelos alunos de relações internacionais, comece a se interessar pela diversificação dos temas selecionados para se estudar. Ainda que os estudos tradicionais acerca de política, economia e direitos humanos sejam de suma relevância para o campo, é necessário que novas visões sejam ofertadas ao público. Além do esporte, o turismo, o meio ambiente e a cultura podem diversificar o campo de estudos, tornando-o mais interessante e mais abrangente. As transformações que o mundo passa constantemente implicam que novos pensamentos sejam ofertados para suprir os mais variados questionamentos que podem surgir acerca do estudo das relações internacionais.

## 4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

### 4.1. ARTIGOS CIENTÍFICOS SOBRE O QATAR

ABDULLA, Abdulkhaleq. *Contemporary Socio Political Issues of the Arab Gulf Moment: Kuwait Programme on Development, Governance and Globalisation in the Gulf States*. London School of Economics. London, 2010.

AKHMETOV, Timur. *Explaining Qatari foreign policy*. 2013. Disponível em : <[http://academia.edu/1407887/Explaining\\_Qatars\\_foreign\\_policy](http://academia.edu/1407887/Explaining_Qatars_foreign_policy)> Acesso em : 23 de maio de 2013.

AL GERGAWI, Mishaal. Qatar, Middle East Market Maker. *Al Monitor*, 14 de junho de 2013. Disponível em: < <http://www.al-monitor.com/pulse/originals/2013/06/qatar-foreign-policy-muslim-brotherhood.html>> Acesso em: 23 de junho de 2013.

AL QASSEMI, Sultan Sooud. Qatar's incomplete examples. *Open Democracy*, 2013. Disponível em: < <http://www.opendemocracy.net/sultan-sooud-al-qassemi/qatar%E2%80%99s-incomplete-example>> Acesso em: 10 de agosto de 2013.

BAGAEEN, S. Brand Dubai: the instant city ; or the instantly recognizable city. *Intenational Planning Studies*, v. 12, a. 2, pp. 173-197.

BAHRY, L.. The New Arab Media Phenomenon: Qatar's Al Jazeera. *Middle East Policy*, 2010, n. 8 a.2, pp. 88–99.

BARAKAT, Sultan. The Qatari Spring: Qatar's emerging role in peacemaking. *LSE*, julho de 2012, n. 24. 48 p.

BEAUMONT, Peter. "How Qatar is taking on the world." *The Guardian*. Disponível em: < <http://www.theguardian.com/world/2012/jul/07/qatar-takes-on-the-world>> Acesso em: 29 de julho de 2013.

CARVALHO PINTO, Vânia. *From 'follower' to 'role model': studying the transformation to the UAE's international self-image*. In: RETHINKING THE MONARCHY-REPUBLIC GAP, Marburg, 2012.

CARVALHO PINTO, Vânia. *The many facets of a 'role model': A study of the UAE's engagement in regional politics*. Paper apresentado no 2º International Conference on Geopolitics. Jerusalem, novembro de 2013.

COLOMBO, Silvia. The GCC countries and the Arab Spring: Between outreach, patronage and repression. *Istituto Affari Internazionali*. Roma, 2012. Disponível em: <<http://www.iai.it/pdf/DocIAI/iaiw1209.pdf>>. Acesso em: 12 de abril de 2012.

COOPER, Andrew F. / MOMANI, Bessma. Qatar and expanded contours of Small State Diplomacy. Paper presented at *ISA*, New Orleans, 2010.

COUGHLAN, Sean. Why is Qatar investing so much in education? *BBC*. 08 de junho de 2012. Disponível em: <<http://www.bbc.co.uk/news/business-18151511>> Acesso em: 09 de maio de 2013.

HERITAGE QATAR. *History of Qatar*. 2011. Disponível em: <<http://www.heritageofqatar.org/history/>> Acesso em: 07 de agosto de 2013.

HILLEARY, Cecily. Examining Qatar's Arab Spring Largesse. *Voice of America*, 29 de abril de 2013. Disponível em : <<http://www.voanews.com/content/examining-qatars-arab-spring-largesse/1649933.html>> Acesso em: 4 de maio de 2013.

HROUB, Khaled. Qatar's Source of Arab Springs. *Your Middle East*, 2013. Disponível em: <[http://www.yourmiddleeast.com/opinion/khaled-hroub-qatars-source-of-arab-springs\\_2273](http://www.yourmiddleeast.com/opinion/khaled-hroub-qatars-source-of-arab-springs_2273)> Acesso em: 23 de março de 2013.

KESSOUS, Mustapha. Sport as diplomacy: Gulf countries see big time sports as ticket to global influence. *Le Monde*, 2011. Disponível em: <<http://worldcrunch.com/culture-society/sports-as-diplomacy-gulf-countries-see-big-time-sports-as-ticket-to-global-influence/c3s3369/#.UDvLA9aPXCo>>. Acesso em: 21 de março de 2013.

KRAUSS, C. For Qatar, Libya Intervention May Be a Turning Point. *New York Times*, 3 de abril de 2011. Disponível em: <[www.nytimes.com/2011/04/04/world/middleeast/04qatar.html](http://www.nytimes.com/2011/04/04/world/middleeast/04qatar.html)> Acesso em 23 de maio de 2013.

LICKTEIG, Karen. Oil-Rich Gulf Countries Qatar and UAE Investing In ... Solar Power? *Policy Mic*. Disponível em: <<http://www.policymic.com/articles/5681/oil-rich-gulf-countries-qatar-and-uae-investing-in-solar-power>> Acesso em: 14 de abril de 2013.

PETERSON, J. E. Qatar and the World: Branding for a Micro-State. *Middle East Journal*, 2006, n. 60 a.(4), pp. 732-748.

PIERINI, Marc. Qatar's Foreign Policy Under the New Emir. Carnegie Europe, 2013. Disponível em : < <http://m.ceip.org/brussels/strategieurope/?fa=52236>> Acesso em : 23 de agosto de 2013.

RABI, Uzi. Qatar's Relations with Israel: Challenging Arab and Gulf Norms. Middle East Institute, 2009, v. 63, n. 3.

ROBERTS, D. Behind Qatar's Intervention In Libya. *Foreign Affairs*, 28 de setembro de 2011. Disponível em: <[www.foreignaffairs.com/articles/68302/david-roberts/behind-qatarsintervention-in-libya](http://www.foreignaffairs.com/articles/68302/david-roberts/behind-qatarsintervention-in-libya)> Acesso em: 02 de maio de 2013.

SELA, Avraham. Arab Unity. *The Continuum Political Encyclopedia of the Middle East*. New York: Continuum, 2002. pp. 160–166.

SOTIRIADOU, Popi; BROUSERS, Jessie. A critical analysis of the impact of the Beijing Olympic Games on Australia's sport policy direction. *International Journal of Sport Policy and Politics*, v. 4, a. 3, 2012, pp. 321-341.

TRISTAM, Pierre. Profile: Al Jazeera. *Middle East Issues*, 2010. Disponível em: < <http://middleeast.about.com/od/mediacultureandthearts/a/me0080313.htm>> Acesso em: 23 de julho de 2013.

#### 4.2. FONTES OFICIAIS (FIFA, GOVERNO DO QATAR E ORGANIZAÇÕES INTERNACIONAIS).

FIFA. *Qatar 2022: Reactions*. 02 de dezembro de 2022. Disponível em: <<http://www.fifa.com/worldcup/qatar2022/news/newsid=1344979/index.html>> Acesso em: 19 de março de 2013.

GULF TIMES. *Workers Cup, a pioneering event by Qatar*. 29 de março de 2013. Disponível em: <<http://www.gulf-times.com/opinion/189/details/347267/workers-cup,-a-pioneering-event-by-qatar>> Acesso em: 30 de março de 2013.

HUMAN RIGHTS REPORT. *Qatar*. 2011. Disponível em: <<http://www.state.gov/documents/organization/186656.pdf>> Acesso em: 12 de março de 2013

I LOVE QATAR. *Moving*. 2011. Disponível em: <<http://www.iloveqatar.net/moving.php>> Acesso em: 13 de março de 2013.

QATAR. Constituição (2002). *Constituição do Qatar*. Disponível em: <<http://www.qatartourism.gov.qa/constitution.asp>> . Acesso em: 25 de março de 2013.

QATAR IS BOOMBING. *Sheikh Saud reaffirms Qatar's drive for sustainable development*. 2011. Disponível em: <<http://www.qatarisbooming.com/2011/05/01/sheikh-saud-reaffirms-qatars-drive-for-sustainable-sports-development/>> Acesso em: 17 de março de 2013.

QATAR NATIONAL STRATEGY. *Qatar National Development Strategy 2011-2016*. 2011. Disponível em: < [http://www2.gsdp.gov.qa/www1\\_docs/NDS\\_EN.pdf](http://www2.gsdp.gov.qa/www1_docs/NDS_EN.pdf)>. Acesso em: 22 de março de 2013.

QATAR TOURISM AUTHORITY. *About Us: Vision and Strategy*. 2009. Disponível em: <[www.qatartourism.gov.qa/about](http://www.qatartourism.gov.qa/about)> Acesso em: 31 de maio de 2013.

SPORTS SECTOR STRATEGY. *Aspire. Qatar Olympic Comittee*, 2011. Disponível em: <[http://www.aspire.qa/Documents/sports\\_sector\\_strategy\\_final%20-%20English.pdf](http://www.aspire.qa/Documents/sports_sector_strategy_final%20-%20English.pdf)> Acesso em: 12 de março de 2013.

THE PENINSULA. *Qatar ready for second National Sport Day events*. 2013. Disponível em: <<http://thepeninsulaqatar.com/qatar-sport/225311-qatar-ready-for-second-national-sport-day-events.html>> Acesso em: 09 de março de 2013.

#### 4.3. NOTÍCIAS ESPORTIVAS

BALDWIN, Alan, COLLET, Mike. Qatar open to winter World Cup in 2022. *Yahoo News*, 22 de março de 2013. Disponível em: <<http://uk.news.yahoo.com/qatar-open-winter-world-cup-2022-143152067--sow.html#HCESNHD>> Acesso em: 23 de março de 2013.

BALLANTYNE, Bernadette. Building Flexible Sports Venues: As Qatar and Other Countries in the Region Develop Plans to Host International Sporting Events, Developing Infrastructure That Can Be Modified for Long-Term Public Use Is Essential. *MEED Middle East Economic Digest*, 2012, Vol. 56, No. 15. Disponível em: <> Acesso em: 24 de maio de 2013.

BOSTON HERALD. *Qatar 2022 WCup official confirms summer event*. 29 de março de 2013. Disponível em : <[http://bostonherald.com/sports/revolution\\_soccer/soccer/2013/03/qatar\\_2022\\_wcup\\_official\\_confirms\\_summer\\_event](http://bostonherald.com/sports/revolution_soccer/soccer/2013/03/qatar_2022_wcup_official_confirms_summer_event)> Acesso em : 30 de março de 2013.

CANEVER, Brian. Qatar 2022: 5 Reasons Why Their World Cup Could Be a Huge Success. *Bleacher Report*, 15 de setembro de 2012. Disponível em: <  
<http://bleacherreport.com/articles/1333942-qatar-2022-5-reasons-why-their-world-cup-could-be-a-huge-success>> Acesso em: 25 de junho de 2013.

CASTANHO, Fábio de Mello. Austrália e Inglaterra passam vexame em votação. *Terra*, 02 de dezembro de 2010. Disponível em:  
 <<http://esportes.terra.com.br/futebol/australia-e-inglaterra-passam-vexame-em-votacao-veja-numeros,6af39329da49a310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>>  
 Acesso em: 14 de março de 2013.

FARLEY, Richard. World Cup 2022 announcement: Qatar chosen hosts over United States, Australia. *Soccer Nation*, 02 de dezembro de 2010. Disponível em :  
 <<http://www.sbnation.com/soccer/2010/12/2/1850752/world-cup-2022-announcement-qatar-host-united-states-australia>> Acesso em : 13 de março de 2013.

GAMES BIDS. *Doha 2020 disappointed and surprised over shortlist elimination*. 2013. Disponível em :  
 <[http://www.gamesbids.com/eng/olympic\\_bids/2020\\_bid\\_news/1216136206.html](http://www.gamesbids.com/eng/olympic_bids/2020_bid_news/1216136206.html)>  
 Acesso em : 02 de março de 2013.

GOAL. Paulo Autuori deixa a seleção do Qatar. 14 de janeiro de 2013. Disponível em: <  
<http://www.goal.com/br/news/805/transfer%C3%AAncias/2013/01/14/3672693/paulo-autuori-deixa-sele%C3%A7%C3%A3o-do-qatar>> Acesso em: 4 de março de 2013.

HALIME, Farah. GCC aims to score with Qatar 2022 World Cup. *The National*, 6 de dezembro de 2010. Disponível em : <  
<http://www.thenational.ae/business/economy/gcc-aims-to-score-with-qatar-2022-world-cup>> Acesso em 22 de junho de 2013.

HATTAM, Jennifer. Qatar's Green Plan for a 2022 World Cup Stadium: Is It Really as Eco-friendly as It Looks? *Tree Hugger*, 29 de outubro de 2010. Disponível em: <  
<http://www.treehugger.com/sustainable-product-design/qatars-green-plan-for-a-2022-world-cup-stadium-is-it-really-as-eco-friendly-as-it-looks.html>> Acesso em: 04 de maio de 2013.

MUBASHER. *GCC to benefit from Qatar 2022 World Cup*. 2013. Disponível em: <  
<http://english.mubasher.info/ADSM/news/2269715/GCC-to-benefit-from-Qatar-2022-World-Cup>> Acesso em: 14 de junho de 2013.

NUQUDY. *Qatar Issues World Cup Tenders*. 02 de abril de 2013. Disponível em: <[http://english.nuqudy.com/Gulf/Qatar\\_Issues\\_World\\_-5127](http://english.nuqudy.com/Gulf/Qatar_Issues_World_-5127)> Acesso em: 05 de maio de 2013.

PORTAL 2014. *Brasília investe R\$ 19 milhões para evitar quedas de energia na Copa*. Disponível em: <<http://www.portal2014.org.br/noticias/10997/BRASILIA+INVESTE+R+19+MILHOES+PARA+EVITAR+QUEDAS+DE+ENERGIA+NA+COPA.html>> Acesso em 17 de abril de 2013.

RADNEDGE, Christian. *Compact concept is tested and ready to run, says Qatar 2022 bid leader*. 8 de outubro de 2010. Disponível em : <<http://christianrad.wordpress.com/2010/10/08/compact-concept-is-tested-and-ready-to-run-says-qatar-2022-bid-leader/>> Acesso em : 03 de março de 2013.

RICE, Simon. Qatar ready to host 2022 World Cup 'in summer or winter'. *The Independent*, 21 de março de 2013. Disponível em: <<http://www.independent.co.uk/sport/football/international/qatar-ready-to-host-2022-world-cup-in-summer-or-winter-8546131.html>> Acesso em: 30 de março de 2013.

SCAVUZZO, Diane. Reaction to 2022 World Cup: USA is a disappointed soccer nation. *Soccer Nation*, 02 de dezembro de 2010. Disponível em : <<http://www.soccernation.com/reaction-to-2022-world-cup-decision-usa-is-a-disappointed-soccer-nation-cms-782>> Acesso em : 04 de março de 2013.

SHANE, Daniel. UAE willing to host 2022 World Cup matches. *Arab Business*, 2013. Disponível em: <<http://www.arabianbusiness.com/uae-willing-host-2022-world-cup-matches-497058.html>> Acesso em: 23 de maio de 2013.

TODAY. Qatar 2022 World Cup official confirms summer event. 30 de março de 2013. Disponível em : <<http://www.todayonline.com/sports/football/qatar-2022-world-cup-official-confirms-summer-event-0>> Acesso em: 30 de março de 2013.

#### 4.4. NOTÍCIAS POLÍTICAS

ABOYEJI, Kayode. Qatar 2022 World Cup modern eco friendly facilities await the world. *My Daily News*, 2011. Disponível em: <<http://www.mydailynewswatchng.com/2013/03/14/qatar-2022-world-cup-modern-eco-friendly-facilities-await-the-world/>> Acesso em: 4 de junho de 2013.

AL-SHAWAF, Mohammed. "Qatar, Inshallah." *SustainAbility*, 09 de dezembro de 2010. Disponível em: <

<http://sustainablecomposing.tumblr.com/post/44838778349/qatar-2022-sustainable-for-the-world-cup>> Acesso em: 07 de março de 2013.

ANGLO INFO QATAR. *Alcohol and liquor licences in Qatar*. 2012. Disponível em: <<http://qatar.angloinfo.com/lifestyle/food-and-drink/liquor-licence/>> Acesso em: 27 de março de 2013.

ASSOCIATED PRESS. Taliban Will Open Office in Qatar for Peace Talks. *USA Today*, 4 de janeiro de 2012. Disponível em: <[www.usatoday.com/news/world/story/2012-01-03/talibanqatar-peace/52353644/1](http://www.usatoday.com/news/world/story/2012-01-03/talibanqatar-peace/52353644/1)> Acesso em: 30 de março de 2013.

ASTORRI, Francesca. Qatar rail plan 'will avoid Doha airport-type delays'. *Arab Business*, 1 de junho de 2013. Disponível em : <<http://www.arabianbusiness.com/qatar-rail-plan-will-avoid-doha-airport-type-delays--503644.html#.UeMQNo03vDV>> Acesso em: 04 de julho de 2014.

CHATRIWALA, O. What WikiLeaks Tells Us about Al-Jazeera. *Foreign Policy*, 19 de setembro de 2011. Disponível em: <[www.foreignpolicy.com/articles/2011/09/19/what\\_wikileaks\\_tells\\_us\\_about\\_al\\_jazeera?hidecomments=yes](http://www.foreignpolicy.com/articles/2011/09/19/what_wikileaks_tells_us_about_al_jazeera?hidecomments=yes)> Acesso em: 23 de maio de 2013.

CHULOV, M. Qatar Crosses the Syrian Rubicon: £63m to Buy Weapons for the Rebels. *Guardian*. 2012. Disponível em: <[www.guardian.co.uk/world/2012/mar/01/syria-conflictrebels-qatar-weapons](http://www.guardian.co.uk/world/2012/mar/01/syria-conflictrebels-qatar-weapons)> Acesso em: 3 de junho de 2013.

CLOUD, David S. BARNEJEE, Neela. Saudi Arabian, gulf forces enter Bahrain. *Los Angeles Times*. Los Angeles, 15 de março de 2011. Disponível em: <<http://articles.latimes.com/2011/mar/15/world/la-fg-bahrain-troops-20110315>> Acesso em: 07 de julho de 2012.

FOGARTY, Dan. Qatar World Cup: will soccer fans be able to drink alcohol? *Sports Grid*, 15 de dezembro de 2010. Disponível em: <<http://www.sportsgrid.com/media/alcohol-world-cup-2022-qatar/>>. Acesso em: 23 de março de 2013.

FORBES CUSTOM. *Experience Qatar: Qatar Powers Forward, Fueled by Education and Economic Diversification*. Disponível em: <<http://forbescustom.com/SectionPDFs/032513QatarE-Print.pdf>> Acesso em 13 de maio de 2013.



GIBSON, Owen. Qatar's 2022 World Cup preparations demand deep pockets and hard work. *The Guardian*, 12 de dezembro de 2010. Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/football/blog/2012/dec/12/qatar-2022-world-cup-preparations>> Acesso em: 23 de maio de 2013.

JAMES, Stuart. World Cup 2022: 'Political Craziiness' favours Qatar's winning bid. *The Guardian*, 2010. Disponível em : <<http://www.guardian.co.uk/football/2010/dec/02/world-cup-2022-qatar-winning-bid>> Acesso em : 22 de março de 2013.

JOHNSON, Brian. *Qatar and the 2022 FIFA World Cup: Kick-starting a Global Economy*. 2011. Disponível em: <<http://home.sjfc.edu/3690/johnson.html>> Acesso em 23 de maio de 2013.

LATHAM, Brent. Behind football Qatar's success. *ESPN*, 2010. Disponível em: <[http://espn.go.com/sports/soccer/news/\\_/id/5933045/how-qatar-became-player-world-soccer](http://espn.go.com/sports/soccer/news/_/id/5933045/how-qatar-became-player-world-soccer)> Acesso em: 15 de março de 2013.

LAW, B. How the Arab League Embraced Revolution. *BBC News Online*, 2 de dezembro de 2011. Disponível em: <[www.bbc.co.uk/news/mobile/world-middle-east-15948031](http://www.bbc.co.uk/news/mobile/world-middle-east-15948031)>

LOPEZ, Luciana. Snap analysis: Rio 2016 Olympics could help economy, ruling party. *Reuters*, 2009. Disponível em: < <http://www.reuters.com/article/2009/10/02/us-olympics-rio-snapanalysis-sb-idUSTRE5914O420091002>> Acesso em: 13 de agosto de 2013.

MAIERBRUGGER, Arno. Qatar's tourism investment angle in Southeast Asia. *Gulf Times*, 16 de fevereiro de 2013. Disponível em: < <http://www.gulf-times.com/business/191/details/342439/qatar%E2%80%99s-tourism-investment-angle-in-southeast-asia>> Acesso em: 30 de maio de 2013

SEMINARA, Dave. With Its Sprawling Education City, Qatar Aims to Be Knowledge Hub. *The Washington Diplomat*. 31 de outubro de 2013. Disponível em: < [http://www.washdiplomat.com/index.php?option=com\\_content&view=article&id=8680:with-its-sprawling-education-city-qatar-aims-to-be-knowledge-hub&catid=1494:november-2012&Itemid=506](http://www.washdiplomat.com/index.php?option=com_content&view=article&id=8680:with-its-sprawling-education-city-qatar-aims-to-be-knowledge-hub&catid=1494:november-2012&Itemid=506)> Acesso em: 23 de maio de 2013.

TRENWITH, Courtney. Qatar 2022 World Cup to benefit entire region. *Arab Business*, 06 de março de 2013. Disponível em: < <http://m.arabianbusiness.com/qatar-2022-world-cup-benefit-entire-region--492136.html>> Acesso em: 14 de maio de 2013.

ULRICHSEN, Christina. Qatar: prestige and gamble. *Open Democracy*, 27 de janeiro de 2011. Disponível em: <<http://www.opendemocracy.net/khaled-hroub/qatar-prestige-and-gamble>> Acesso em: 23 de maio de 2013

VEJA. Blatter *surpreende e fala em tirar a Copa de 2022 do Catar*. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/esporte/blatter-admite-que-mundial-de-2022-no-catar-podera-mudar-de-sede>> Acesso em: 23 de março de 2013.

WALID, Tamara. Qatar would “welcome” Israel in 2022. *The National*, 11 de novembro de 2009. Disponível em: <<http://www.thenational.ae/sport/football/qatar-would-welcome-israel-in-2022>>. Acesso em: 12 de março de 2013.

WILSON, Steve. World Cup 2022: blisteringly hot Qatar is no place for the ill-prepared. *The Telegraph*, 02 de dezembro de 2010. Disponível em: <<http://www.telegraph.co.uk/sport/football/8177642/World-Cup-2022-blisteringly-hot-Qatar-is-no-place-for-the-ill-prepared.html>> Acesso em: 23 de março de 2013.

YAQOOB, Tahira. Can billion-dollar investments put Qatar on the cultural map? .*The Independent*, 20 de outubro de 2012. Disponível em : <<http://www.independent.co.uk/news/world/middle-east/can-billion-dollar-investments-put-qatar-on-the-cultural-map-8215542.html>> Acesso em : 03 de maio de 2013.

ZIMMER, Lori. Arup's Zero-Carbon 2022 FIFA World Cup Qatar Showcase Stadium Nominated for WAN Award. *In Habitat*. Disponível em: <<http://inhabitat.com/arups-zero-carbon-design-for-the-2022-fifa-world-cup-qatar-showcase-wins-wan-award/>> Acesso em 27 de junho de 2013.

#### 4.5. PRODUÇÕES ACERCA DO PAPEL DO ESPORTE NA POLÍTICA.

ALLISON, Licoln. *The Global Politics of Sport: The Role of Global Institutions in Sport*. Londres: Routledge, 2005.

ALLISON, Licoln. MONNINGTON, Terry. Sport, prestige and international relations. In. ALLISON, Licoln. *The Global politics of sport: the role of global institutions in sport*. Brington: Routledge, 2006, p. 5-23.

BAIRNER, Alan. Sport and nation in the global era. In: ALLISON, Licoln. *The Global politics of sport: the role of global institutions in sport*. Brington: Routledge, 2006, p. 79-90.

CLAIRE, BREWSTER, Keith. Mexico City 1968: Sombreros and Skyscrapers. In : TOMLISON, Alan. *National Identity and global sport events : Cultural, politics and spectacle in the Olympic and Football World Cup*. Nova York : State University of New York Press, 2006, 1 ed, p. 99-116.

DEGROOT, Gerard. Sport and diplomacy: sometimes a good mix. ISN, 2011. Disponível em: <<http://www.isn.ethz.ch/isn/Digital-Library/ISN-Insights/Detail/?lng=en&id=126618&contextid734=126618&contextid735=126615&tabid=126615>>. Acesso em: 12 de março de 2013.

DRUMOND, Maurício. *Nações em jogo: esporte e propaganda política em Vargas e Perón*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.

EDELMAN, Robert. Moscow 1980: Stalinism or Good, Clean Fun? In : TOMLISON, Alan. *National Identity and global sport events : Cultural, politics and spectacle in the Olympic and Football World Cup*. Nova York : State University of New York Press, 2006, 1 ed, p. 149-161.

GORDON, Robert S. C; LONDON, John. Italy 1934: Football and Facism. In : TOMLISON, Alan. *National Identity and global sport events : Cultural, politics and spectacle in the Olympic and Football World Cup*. Nova York : State University of New York Press, 2006, 1 ed, p. 41-63.

GUTTMANN, Allen. Berlin 1936: The most controversial olympics. In : ALLISON, Licoln. *The Global politics of sport: the role of global institutions in sport*. Brington: Routledge, 2006, p. 65-81.

HELAL, Ronaldo. *Futebol, jornalismo e ciências sociais: interações*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

HOULIHAN, Barrie. *Sport, Policy and Politics : a comparative analysis*. Nova York : Routledge, 1997, 1 ed, 336 p.

MAKOVITS, Andrei S.. RENSMANN, Lars. *Gaming the world: how sports are reshaping global politics and culture*. Nova Jersey: Princeton University Press, 2010, 1 ed., 368 p.

MASON, Tony. England 1966: Traditional and Modern? In : TOMLISON, Alan. *National Identity and global sport events : Cultural, politics and spectacle in the Olympic and Football World Cup*. Nova York : State University of New York Press, 2006, 1 ed, p. 83-98.

MELO, Victor Andrade de; DRUMOND, Maurício (Org.). *Esporte e cinema: novos olhares*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2009.

SUPPO, Hugo. *Reflexões sobre o lugar do esporte nas relações internacionais*. Disponível em: < [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-85292012000200002&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-85292012000200002&script=sci_arttext) > Acesso em: 02 de agosto de 2013.

TAYLOR, Trevor. *Sport and international relations. A case of mutual neglect*. In: ALLISON, L. (Ed.). *The politics of sport*. Manchester: Manchester University Press, 1986. p. 27-48.

TOMLINSON, Alan. *Olympic survivals : The Olympic Games as a global phenomenon*. In: ALLISON, Licoln. *The Global politics of sport: the role of global institutions in sport*. Brinton: Routledge, 2006, p. 44-56.

TOMLINSON, Alan. YOUNG, Christopher. *Culture, politics and spectacle in the global sports events : an introduction*. In : TOMLINSON, Alan. *National Identity and global sport events : Cultural, politics and spectacle in the Olympic and Football World Cup*. Nova York : State University of New York Press, 2006, 1 ed, 254 p.

VASCONCELLOS, Douglas Wanderley de. *Esporte, poder e Relações Internacionais*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2011.

YOUNG, Christopher. *Munich 1972: Re-presenting the nation*. In : TOMLINSON, Alan. *National Identity and global sport events : Cultural, politics and spectacle in the Olympic and Football World Cup*. Nova York : State University of New York Press, 2006, 1 ed. p. 117-132.

#### 4.6. TEORIA E CONCEITOS DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS.

ALLISON, Graham; ZELIKOW, Phillip. *Essence of Decision: Explaining the Cuban Missile Crisis*, 2ed. Longman. 1999.

BELL, J. *Como Realizar um Projecto de Investigação - Um guia para a Pesquisa em Ciências Sociais e da Educação*. Gradiva. 1993.

BOWDEN, B. 'The Ideal of Civilisation: Its Origins and Socio-Political Character'. *Critical Review of International Social and Political Philosophy*, vol. 7, no. 1, pp. 5-25. 2004.

BRECHER, M. *The Foreign Policy system of Israel: settings, images, process*. Londres, Toronto e Melbourne: Oxford University Press, 1972.

BOULDING, K. E.. National Images and International System. *The Journal of Conflict Resolution*. V. 3, n. 2, 1959, pp. 120-131.

CARR, Edward H.. *Os vinte anos de crise: 1919-1939 – Uma introdução ao estudo das relações internacionais*. Brasília: UnB, 1981.

ETZIONI, Amitai. International prestige, competition and peaceful coexistence. *Archives Europeennes de Sociologie*, v. 3, n. 1, 1962, pp. 21-41.

FEKLYUNINA, Valentina. *National Images in International Relations: Putin's Russia and the West*. 2009. 250 p. Dissertação (PhD em Política) – Departamento de Política; Faculdade de Direito, Business e Ciências Sociais; Universidade de Glasgow, Glasgow.

FIDLER, David P.. The return of the standard of civilization. *Maura School of Law : University of Indiana*, 2001, v. 2, n. 1, pp. 137-157.

FRISK, Malin. *The puzzle of Arctic cooperation: the role of selfimage and social culture in Arctic cooperation*. 2012. 98 p. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais e Europeias) - Departamento de Administração e Engenharia; Divisão de Ciência Política; Linköping University, Linköping.

GONG, G. W. *The Standard of 'Civilization' in International Society*. Clarendon Press: Oxford. 1984.

HILL, Christopher. *The Changing Politics of Foreign Policy*. Basingstoke: New York: Palgrave Macmillan. 2003.

HOLSTI, Kal J. National Role Conception in the study of Foreign Policy. *International Studies Quarterly*, vol. 14, n. 3, setembro de 1970, pp. 233-309.

IWAMI, Tadashi. *Discourses of Civilisation in International Politics: The Case of Japan*. 2008. 127 p. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Universidade de Canterbury, Cantuária.

KAPLOVITZ, Noel. National Self-Images, Perception of Enemies, and Conflict Strategies: Psychopolitical Dimensions of International Relations *Political Psychology* Vol. 11, No. 1, Março, 1990, pp. 39-82. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3791515>> Acesso em: 09 de agosto de 2013.

KEOHANE, Robert O.; GOLDSTEIN, Judith (Ed.). *Ideas and foreign policy: beliefs, institutions and political change*. Londres: Cornell, 1993, 338 p.

MARTINS, Estevão Chaves de Rezende. *Relações Internacionais: Cultura e poder*. Brasília: IBRI, 2002, 184 p.

MORGENTHAU, Hans J. *A política entre as nações: a luta pela guerra e pela paz*. Brasília: Editora Universidade de Brasília/ Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003, 1152 p.

MOZAFFARI, Mehdi. *The transformalist perspective and the rise of a global standard civilization*. Oxford University Press, v. 1, n. 1, 2001, pp. 247-264.

NOGUEIRA, João Pontes; MESSARI, Nizar. *Teoria das relações internacionais: correntes e debates*. Rio de Janeiro: Elsevier. 2005.

NYE, Joseph S. *Bound to Lead: The Changing Nature of American Power*. Basic Books, 1990.

\_\_\_\_\_. *Soft Power: The Means to Success in World Politics*. PublicAffairs, 2004.

\_\_\_\_\_. *The Powers to Lead*. Oxford University Press, 2008.

SCHWAZENBERGER, G. The Standard of Civilisation in International Law. *Current Legal Problems*, vol. 8, pp. 212-34. 1955.

WALTZ, Kenneth. *Theory of international politics*. Waveland Pr Inc; 1 edition, 1970. 256 p.

WANG, Fei-Ling. *Chinas's self-image and strategic intentions: National confidence and political insecurity*. Paper apresentado na Conference of 'War and Peace in the Taiwan Strait'. 1999.

WYLIE, Lana. *Seeking prestige: a foreign policy goal*. Paper apresentado no 48<sup>th</sup> Annual International Studies Association Convention, Chicago, 2007.

YIN, Robert K. *Case study research: design and methods*. Newbury Park, CA: Sage. 1984.